

The cover features a vibrant border of tropical plants, including large green monstera leaves and various palm fronds, set against a light beige background. The text is centered and presented in a bold, white, distressed font.

**COLETÂNEA PEDAGÓGICA
DE TEXTOS LITERÁRIOS**

The title 'RIO DE LETRAS' is rendered in a highly decorative, multi-colored font. Each letter is filled with a different pattern, such as polka dots, stripes, or floral motifs. The background behind the title consists of white zebra stripes on a light green field.

**RIO
DE
LETRAS**

ORG. RAILSON FERREIRA

Rio de Letras

Coletânea pedagógica de textos literários para a Educação Básica

Organização: Prof. Railson Ferreira

Coletânea elaborada com fins pedagógicos como parte da dissertação de mestrado intitulada “Desafios e estratégias para o desenvolvimento da fluência leitora: um estudo com alunos do ensino fundamental maior”, destinada ao trabalho sistemático com a leitura literária e à formação do leitor na educação básica, especialmente em contextos marcados pela carência de materiais de leitura, como escolas ribeirinhas e outras unidades educacionais do campo.

Curralinho-PA
2026

SUMÁRIO

CONTO DE ESCOLA – Machado de Assis	3
A FLOR E A NÁUSEA - Carlos Drummond de Andrade.....	10
A GUERRA DOS PALHAÇOS – Mia Couto	12
VELAS. POR QUEM? – Maria Lúcia Medeiros.....	14
TATUAPÉ, O CAMINHO DO TATU - Daniel Munduruku.....	16
A DIABA E SUA FILHA – Marie Ndiaye.....	18
O VOLUNTÁRIO – Inglês de Sousa	23
O CARRO DOS MILAGRES – Benedicto Monteiro	35

CONTO DE ESCOLA – Machado de Assis

A ESCOLA era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant’Ana, que não era então esse parque atual, construção de gentleman, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dous suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

— Seu Pilar, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre. Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; venciam com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

— O que é que você quer?

— Logo, respondeu ele com voz trêmula. Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas

era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recorro a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

— Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

— Não diga isso, murmurou ele. Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma cousa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

— Seu Pilar... murmurou ele daí a alguns minutos.

— Que é?

— Você...

— Você quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo, e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma cousa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me quereria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou então, de tarde...

— De tarde, não, interrompeu-me ele; não pode ser de tarde.

— Então agora...

— Papai está olhando.

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as ideias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

No fim de algum tempo — dez ou doze minutos — Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

— Sabe o que tenho aqui?

— Não.

— Uma pratinha que mamãe me deu.

— Hoje?

— Não, no outro dia, quando fiz anos...

— Pratinha de verdade?

— De verdade.

Tirou-a vagorosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuido que doze vinténs ou dois tostões, não me lembro; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não.

— Mas então você fica sem ela?

— Mamãe depois me arranja outra.

Ela tem muitas que vovô lhe deixou, numa caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recuou a mão dele e deu à boca um gesto amarelo, que queria sorrir. Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma idéia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a cousa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes, mas parece que era lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cansada, e não aprender como queria, — e pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe tivesse ensinado mal, — parece que tal foi a causa da proposta. O pobre-diabo contava com o favor, — mas queria assegurar-lhe a eficácia, e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma cousa, um cobre feio, grosso, azinhavrado...

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. — Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais, lendo com fogo, com indignação...

— Tome, tome...

Relancei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas daí a pouco deitei-lhe outra vez o olho, e — tanto se ilude a vontade! — não lhe vi mais nada. Então cobrei ânimo.

— Dê cá...

Raimundo deu-me a pratinha, sorrateiramente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir. Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despendia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada; mas contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

De repente, olhei para o Curvelo e estremeci; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescentando que entrava a remexer-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

— Precisamos muito cuidado, disse eu ao Raimundo.

— Diga-me isto só, murmurou ele.

Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele instava, e a moeda, cá no bolso, lembrava-me o contrato feito. Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto, e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que me não fugisse, ia-a apalpando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tato a inscrição, com uma grande vontade de espiá-la.

— Oh! seu Pilar! bradou o mestre com voz de trovão. Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.

— Venha cá! bradou o mestre.

Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu,

conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

— Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? disse-me o Policarpo.

— Eu...

— Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! clamou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito. Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagarosamente, saquei-a e entreguei-lha. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua. E então disse-nos uma porção de cousas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados. Aqui pegou da palmatória.

— Perdão, seu mestre... soluzei eu.

— Não há perdão! Dê cá a mão! Dê cá! Vamos! Sem-vergonha! Dê cá a mão!

— Mas, seu mestre...

— Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma cousa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio!

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos impropérios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo. Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dous serem cinco. Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu. Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma cousa? "

Tu me pagas! tão duro como osso!" dizia eu comigo. Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; havia de ser na Rua larga São Joaquim. Quando, porém, cheguei à esquina, já o não vi; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei numa botica, espiei em outras casas, perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dous meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos...

De manhã, acordei cedo. A idéia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplêndido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha... Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amarrotasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma cousa: Rato na casaca... Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...

FIM

A FLOR E A NÁUSEA - Carlos Drummond de Andrade

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjoo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Carlos Drummond de Andrade. A flor e a náusea. In: Poesia Completa.
Introdução de Silviano Santiago. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar,
2002. p. 118-119.

A GUERRA DOS PALHAÇOS – Mia Couto

Uma vez dois palhaços se puseram a discutir. As pessoas paravam, divertidas, a vê-los.

– É o quê?, perguntavam.

– Ora, são apenas dois palhaços discutindo.

Quem os podia levar a sério? Ridículos, os dois cómicos ripostavam. Os argumentos eram simples disparates, o tema era uma ninharia. E passou-se um inteiro dia. Na manhã seguinte, os dois permaneciam, excessivos e excedendo-se.

Parecia que, entre eles, se azedava a mandioca. Na via pública, no entanto, os presentes se alegravam com a mascarada. Os bobos foram agravando os insultos, em afiadas e afinadas maldades. Acreditando tratar-se de um espectáculo, os transeuntes deixavam moedinhas no passeio.

No terceiro dia, porém, os palhaços chegavam a vias de facto. As chapadas se desajeitavam, os pontapés zumbiam mais no ar que nos corpos. A miudagem se divertia, imitando os golpes dos saltimbancos. E riam-se dos disparatados, os corpos em si mesmos se tropeçando. E os meninos queriam retribuir a gostosa bondade dos palhaços.

– Pai, me dê as moedinhas para eu deitar no passeio.

No quarto dia, os golpes e murros se agravaram. Por baixo das pinturas, o rosto dos bobos começava a sangrar. Alguns meninos se assustaram. Aquilo era verdadeiro sangue?

– Não é a sério, não se aflijam, sossegaram os pais. Em falha de trajectória houve quem apanhasse um tabefe sem direcção. Mas era coisa ligeira, só servindo para aumentar os risos. Mais e mais gente se ia juntando.

– O que se passa?

Nada. Um ligeiro desajuste de contas. Nem vale a pena separá-los. Eles se cansarão, não passa o caso de uma palhaçada.

No quinto dia, contudo, um dos palhaços se muniu de um pau. E avançando sobre o adversário lhe desfechou um golpe que lhe arrancou a cabeleira postiça. O outro, furioso, se apetrechou de simétrica matraca e respondeu na mesma desmedida. Os varapaus assobiaram no ar, em tonturas e volteios. Um dos espectadores, inadvertidamente, foi atingido. O homem caiu, esparramorto.

Levantou-se certa confusão. Os ânimos se dividiram.

Aos poucos, dois campos de batalha se foram criando. Vários grupos cruzavam pancadarias. Mais uns tantos ficaram caídos.

Entrava-se na segunda semana e os bairros em redor ouviram dizer que uma tonta zaragata se instalara em redor de dois palhaços. E que a coisa escaramuçara toda a praça. E a vizinhança achou graça. Alguns foram visitar a praça para confirmar os ditos. Voltavam com contraditórias e acaloradas versões. A vizinhança se foi dividindo, em opostas opiniões. Em alguns bairros se iniciaram conflitos.

No vigésimo dia se começaram a escutar tiros. Ninguém sabia exactamente de onde provinham. Podia ser de qualquer ponto da cidade. Aterrorizados, os habitantes se armaram. Qualquer movimento lhes parecia suspeito. Os disparos se generalizaram.

Corpos de gente morta começaram a se acumular nas ruas. O terror dominava toda a cidade. Em breve, começaram os massacres.

No princípio do mês, todos os habitantes da cidade haviam morrido. Todos excepto os dois palhaços. Nessa manhã, os cómicos se sentaram cada um em seu canto e se livraram das vestes ridículas. Olharam-se, cansados. Depois, se levantaram e se abraçaram, rindo-se a bandeiras despregadas. De braço dado, recolheram as moedas nas bermas do passeio. Juntos atravessaram a cidade destruída, cuidando não pisar os cadáveres. E foram à busca de uma outra cidade.

—

Glossário:

[ripostavam] revidavam ataques; [disparates] bobagens, tolices; [ninharice] coisa nenhuma, sem importância; [chapadas] tapas; [miudagem] criançada; [passeio] colocar na calçada; [zaragata] briga com pancadaria; [escaramuçara] começava uma pequena briga; bermas [acostamento].

Mia Couto. A guerra dos palhaços. In: Estórias abensonhadas. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

VELAS. POR QUEM? – Maria Lúcia Medeiros

Fatal foi teres chegado de manhãzinha, teus olhos de sono, quando ainda a cidade se espreguiçava e teres visto o casario, as ruelas tortuosas, os homens a gritar nomes e coisas. O cheiro do café e o cheiro das frutas, o abafado cheiro das roupas suadas a entranhar na tua descrença a resina, o último cheiro do abraço que deixarias dias atrás entre o espanto e a euforia.

Fatal foi a má comparação que fizeste das velas de encardido colorido com o tecido que mal escondia teus pudores. Tuas unhas entre o roxo e o vermelho copiaste de onde?

Ao saltares dessas águas barrentas, ao abandonares sem saudade, rápido se perdeu teu barco entre os tantos aportados naquele cais. Fatal foi tropeçares e seguires aos solavancos pelas ruas achando que eram de boas-vindas os olhares. Ao pé do casarão mal iluminado fatal foi pensares que ofereciam vida nova, pois ouviste os sinos.

A família dormia ainda. Soubeste logo que havia menino, que havia menina, um doutor e sua mulher a quem devias servir, branca e alta mulher.

Mas te alimentaram antes, botaram a tua frente o pão que molhaste cuidadosamente no café preto para não acordar a tua eterna dor de dentes. Fatal foi teres ignorado os deveres tantos que ressoavam nas campainhas pelo casarão inteiro e pudeste rir, sorrir e alegrar tantas eram as correrias, o leiteiro, o padeiro, o telefone... Pela janelinha lá do sótão era possível ver o rio, os pombos em revoada pelos telhados e até dizias "chô bacurau, chô bicho" e rias do teu próprio riso doido doido, e te apoiavas ora num pé ora no outro.

Mas ao ouvir a voz "Ó pequena", desabalada era a tua carreira pelas escadas, era a hora de retirar o urinol de porcelana com a urina da branca senhora que ficou roxa um dia porque te pegou dizendo "péra lá que eu vou tirá o mijo da mulher" e se trancou quase e esmagou na porta para que consertasses a língua, Ó pequena! Terias que dizer "fazer o meu serviço, cumprir minha obrigação" aprendeste logo sem compreender.

Fatal foi também isso, aprenderes rápido feito cachorro do sítio, e sair com o rabo entre as pernas repetindo "sim, senhora".

Mas havia o sótão e a janelinha e o pedaço de rio, as velas encardidas, o sino das igrejas e as mil e umas vezes que te benzias, mão direita mão esquerda?

Da janelinha era possível ver a chuva se a cair já, se não ia, se dava pra menina sair, pro menino brincar, fazias até tua mágica de dar

um nó na barra da tua saia e paravas a chuva, ó se paravas, Ó pequena!

Nem tinhas cor definida nem peitos tinhas, só os carocinhos que doíam e que a cozinheira te ensinou apertar dois caroços de milho e dar pro galo para que não crescessem tanto. Mas cresceram e logo o doutor e logo o menino, horário estranho, pesada hora, apertavam também, bolinavam, teu corpo ereto, tua cabeça baixa, coração aos pulos. Virou hábito deles, ficou pra costume, nem ousaste compreender, só aprender, Ó pequena!

Fatal foi tua ligeireza, o trabalho na roça, o leite de cabra que bebeste em tenra idade lá de onde aportaste um dia numa sonolenta manhã.

Com pouco já ninguém podia passar sem ti sendo pedaço deles, cria, cachorro fiel, Ó boa pequena! Nem crescestes tanto, alargaste sim, pernas rijas, braços fortes e com pouco já morria o doutor, já envelhecia a senhora, já casava a menina e já trocavas de mão e de patrão, pois a menina agora já era a mulher branca e perfumada que também enchia de urina o urinol de porcelana.

Pras histórias que me contas desses mil novecentos e poucos, fatal foi tua mansidão de bicho: o búfalo, a corça e o cão. Diante da mão espalmada, retomo do meu ofício e aceito ler teu destino mas, te adianto, não vejo mais – pesada hora – rastro sequer da fortuna, perdeu-se a do coração.

Cheia de pejo e de dó vou te esconder, Ó senhora, que fatal foi te roubarem a linha da vida.

Maria Lúcia Medeiros. Velas. Por quem?. 1ª edição – 1990.

TATUAPÉ, O CAMINHO DO TATU - Daniel Munduruku

Uma das mais intrigantes invenções humanas é o metrô. Não digo que seja intrigante para o homem comum, acostumado com os avanços tecnológicos. Penso no homem da floresta, acostumado com o silêncio da mata, com o canto dos pássaros ou com a paciência constante do rio que segue seu fluxo rumo ao mar. Penso nos povos da floresta.

Os índios sempre ficam encantados com a agilidade do grande tatu metálico. Lembro de mim mesmo quando cheguei a São Paulo. Ficava muito tempo atrás desse tatu, apenas para observar o caminho que ele fazia.

O tatu da floresta tem uma característica muito interessante: ele corre para sua toca quando se vê acuado pelos seus predadores. É uma forma de escapar ao ataque deles. Mas isso é o instinto de sobrevivência. Quem vive na floresta sabe, bem lá dentro de si, que não pode se permitir andar desatento, pois corre um sério perigo de não ter amanhã.

O tatu metálico da cidade não tem esse medo. É ele que faz o seu caminho, mostra a direção, rasga os trilhos como quem desbrava. É ele que segue levando pessoas para os seus destinos. Alguns sofrem com a sua chegada, outros sofrem com a sua partida.

Voltei a pensar no tatu da floresta, que desconhece o próprio destino mas sabe aonde quer chegar.

Pensei também no tempo de antigamente, quando o Tatuapé era um lugar de caça ao tatu. Índios caçadores entravam em sua mata apenas para saber onde estavam as pegadas do animal. Depois eles ficavam à espreita daquele parente, aguardando pacientemente sua manifestação. Nessa hora — quando o tatu saía da toca — eles o pegavam e faziam um suculento assado que iria alimentar os famintos caçadores.

Voltei a pensar no tatu da cidade, que não pode servir de alimento, mas é usado como transporte, para a maioria das pessoas poder encontrar o seu próprio alimento. Andando no metrô que seguia rumo ao Tatuapé, fiquei mirando os prédios que ele cortava como se fossem árvores gigantes de concreto.

Naquele itinerário eu ia buscando algum resquício das antigas civilizações que habitaram aquele vale. Encontrei apenas urubus que sobrevoavam o trem que, por sua vez, cortava o coração da Mãe Terra como uma lâmina afiada. Vi pombos e pombas voando livremente

entre as estações. Vi um gavião que voava indiferente por entre os prédios. Não vi nenhum tatu e isso me fez sentir saudades de um tempo em que a natureza imperava nesse pedaço de São Paulo habitado por índios Puris. Senti saudades de um ontem impossível de se tornar hoje novamente.

Pensando nisso deixei o trem me levar entre Itaquera e o Anhangabaú. Precisava levar minha alma ao princípio de tudo.

Daniel Munduruku. Tatuapé, o caminho do tatu. In: Crônicas de São Paulo: um olhar indígena. Callis Editora, 2ª edição, 2010, pp,15-17.

A DIABA E SUA FILHA – Marie Ndiaye

Uma diaba ia de casa em casa e perguntava:

— Onde está minha filha? Não a encontro. Vocês viram minha filha?

Essa diaba tinha um rosto agradável de olhar. A pele era escura e os olhos, brilhantes. Batia nas portas ao anoitecer e perguntava:

— Alguém sabe onde está minha filha?

E a pessoa que abria a porta à diaba via seus belos olhos, um tanto úmidos, que brilhavam na penumbra, a face graciosa e as roupas muito limpas.

A pessoa que não tinha medo de abrir a porta à noite já se preparava para sorrir e tentar ajudá-la, quando de repente seu olhar pousava nos pés dela.

E a pessoa que se esquecia de ter medo ao escancarar a porta na penumbra ficava então gelada de terror ao ver que aquela que buscava a filha à noite não tinha pés, mas cascos.

Eram pequenos cascos negros e delicados como os de uma cabra, separados por uma fenda alongada.

Imediatamente a porta voltava a bater e todas as luzes da casa se apagavam.

Todos esperavam, tremendo, que a diaba se afastasse. E todos estremeciam ao imaginar que a diaba pudesse ficar zangada e querer se vingar de maneira perversa.

Mas essa diaba não sabia sequer o que isso significava.

Não sabia sequer por que tinham medo dela.

Suspirava e depois se afastava com um passo ligeiro, os pequenos cascos de cabra batendo na estrada, clique-claque, clique-claque.

Quando o ruído dos cascos desaparecia, as luzes das casas se acendiam de novo. Todos prometiam a si mesmos nunca mais abrir a porta após o anoitecer, pois tinham medo dos cascos da diaba, dos pequenos cascos negros e delicados, mais do que de qualquer outra coisa no mundo.

A diaba ia embora e procurava outra casa.

— Não encontro minha filha. Ela não está com vocês?

Seus olhos cintilavam, cheios de lágrimas e de esperança. Mas todas as vezes um sorriso paralisava os lábios de quem estava prestes a responder, de quem se preparava para reconfortar essa pobre mulher cuja filha não tinha voltado antes do cair da noite. Não havia piedade

possível para a diaba, tão logo percebiam que seus pés não eram como os dos humanos.

As pessoas tinham medo, muito medo daqueles pequenos cascos rachados. Tinham tanto medo que nem ao menos se perguntavam quem poderia ser essa filha da diaba.

— Mas onde está minha filha? — ela perguntava por toda parte, sem descanso, com o rosto belo e doce que brilhava na noite.

As pessoas tinham tanto medo que estavam convencidas de uma coisa: a diaba era capaz de inventar qualquer história para entrar nas casas e levar a desgraça apenas com sua presença.

Do mesmo modo, pensavam, a diaba se apresentava com uma face graciosa para comover e ser convidada a entrar, em plena noite, na casa dos que se compadeciam de seus olhos marejados.

Pensavam: “Felizmente para nós, ela não pôde modificar os cascos, seus horríveis cascos. Senão, como saberíamos que essa mulher é uma diaba?”

Mas a diaba se lembrava de ter tido uma filha, muito tempo atrás.

Lembrava-se de ter segurado uma criancinha nos braços e lembrava que essa criança fora sua, que a havia amado, alimentado, acariciado, antes de ela um dia desaparecer. Não sabia como. Lembrava apenas que, daquele momento em diante, não parou mais de chorar. Foi a partir dali também que passou a ter pequenos cascos negros e delicados no lugar dos pés.

A diaba não tinha casa.

Lembrava que já tivera uma casa, muito tempo atrás, e que a filha dormia nela. A casa desapareceu junto com a criança. A diaba não sabia como. Simplesmente aconteceu. Havia existido e não existia mais.

Ela tinha em sua casa uma bela luz amarela que iluminava o campo ao redor. E a diaba lembrava que a filha gostava de fitar a luz amarela antes de dormir à noite.

Quando ainda podia caminhar em sua casa, a diaba tinha pés pequenos e delicados como qualquer mulher jovem.

Aquela era uma região quente, onde as pessoas costumam andar descalças.

A diaba lembrava que naquela época, quando caminhava pela casa, ao entrar no quarto onde a filha dormia, não ouvia clique-claque, clique-claque.

Ouvia o ruído dos seus pés descalços pisando no chão da casa.

Foi só depois que a casa e a filha desapareceram que o ruído de seus passos mudou e ela percebeu, ao baixar os olhos em direção aos pés, pequenos cascos de cabra que ainda a espantavam.

A diaba vivia na floresta.

A floresta da região era densa e sombria.

Ali a diaba encontrava o que comer, pois, naquelas matas úmidas, onde sempre faz calor, muitas frutas brotam das árvores, muitas plantas crescem da terra.

A diaba dormia de dia e saía à noite. Lembrava que fora numa noite, em uma triste noite, que olhou a curva arredondada de seus braços e constatou que a filha não estava mais ali.

Saía da floresta, caminhava pela estrada com seu passo agitado.

Quando avistava uma criança que se dirigia para casa, corria na direção dela.

E a criança, ao ouvir o ruído dos pequenos cascos, queria fugir e se punha a correr também. Corria e gritava:

— A diaba está atrás de mim!

Então a diaba logo parava. “Se essa criança fosse minha, não gritaria desta forma”, pensava.

Agora todos na região já conheciam a diaba.

Todo mundo sabia que ela procurava a filha.

As pessoas passaram a comentar: “E se for verdade que ela teve uma filha e a menina escapou? Como ter certeza de que ela não está entre nós?”

E passaram a olhar atentamente as crianças que brincavam na rua, iam à escola, cavavam buracos na areia, as crianças que tomavam banho de mar ou ficavam distraídas sentadas numa pedra. Observaram de perto crianças que escorregavam no escorregador ou se balançavam no balanço. Examinavam especialmente os pés delas a fim de ver se não se pareciam com os cascos da diaba.

Um dia, ao anoitecer, no momento de deixar a floresta, a diaba tomou uma decisão.

Sentia-se desanimada, exausta.

“Ninguém vai me dizer onde se esconde minha filha”, pensou. “Agora sei que ninguém nunca vai me contar.”

Então decidiu que a primeira criança que encontrasse ao sair da floresta seria a sua.

Seguiu pela estrada com o passo habitual, clique-claque.

Logo avistou uma pequena silhueta sentada na grama, à beira da estrada.

Sentiu o coração bater tão forte que não ouviu mais o ruído dos cascos.

Aproximou-se e tocou o ombro da criança sentada à beira da estrada.

Era uma menina cheia de trancinhas no cabelo.

— Venha, venha comigo — disse a diaba muito docemente.

A menina levantou-se e colocou a mãozinha sobre a mão um pouco trêmula da diaba, que logo fechou os dedos com força.

Foi ao tomar o caminho de volta à floresta, levando consigo a menina, que notou que a criança mancava. Baixou os olhos em direção aos pés da menina e reparou que eram deformados.

Na manhã daquele mesmo dia, os habitantes da aldeia vizinha haviam expulsado a menina.

Acreditavam ter descoberto a filha da diaba e disseram uns aos outros: “Vamos enxotar essa aí, ou ela vai nos trazer a desgraça. Esses pezinhos malformados se transformarão em cascos e então será tarde demais.”

Vendo aquilo, vendo como a menina tinha dificuldade de andar, a diaba a carregou no colo.

Ela passou os braços ao redor do pescoço da diaba e suspirou de alívio.

Observou a face graciosa da diaba, os olhos doces, respirou o aroma de floresta da diaba e adormeceu tranquila.

A diaba retornava rumo à floresta. Seu coração batia um pouco menos forte.

A noite estava calma e quente.

De súbito a diaba percebeu que não ouvia mais o clique-claque, clique-claque de seus pequenos cascos pretos.

A noite estava agora tão escura que a diaba, ao se inclinar, não pôde ver os cascos.

Mas ela ouvia um ruído diferente.

E a diaba reconheceu o atrito de seus pés descalços na estrada.

Depois, ao passar diante de uma pequena casa iluminada, lembrou que ela não estava ali pouco tempo atrás.

Empurrou a porta, entrou num cômodo onde brilhava uma bela lâmparina de luz amarela.

Com ternura, acomodou a menina, que continuava dormindo, numa cama bem limpa e confortável.

Em seguida sentou-se em uma cadeira, esfregou os pés no piso de madeira encerada e disse em voz alta, alegre:

— Nunca pensei que uma menina tão pequena fosse tão pesada.

Marie NDiaye. A diaba e sua filha. Título original: *La Diabliesse et son enfante*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2011 40 p.

O VOLUNTÁRIO – Inglês de Sousa

A velha tapuia Rosa já não podia cuidar da pequena lavoura que lhe deixara o marido. Vivia só com o filho, que passava os dias na pesca do pirarucu e do peixe-boi, vendidos no porto de Alenquer e de que tiravam ambos o sustento, pois o cacau mal chegava para a roupa e para o tabaco. Apesar da pobreza rústica da casa, com as suas portas de japá e as paredes de sopapo, com o chão de terra batida, cavada pela ação do tempo, tinha a tapuia em alguma conta o asseio. Trazia o terreiro bem varrido e o porto livre das canaranas que a corrente do rio vinha ali depositando. E se os tipitis, as cuiambucas e todos os utensílios caseiros andavam sempre lavados com cuidado, as redes de dormir pareciam ter saído do tear, de brancas e novas que sempre se encontravam. Rosa tecia redes, e os produtos da sua pequena indústria gozavam de boa fama nos arredores. A reputação de tapuia crescera com a feitura de uma maqueira de tucum ornamentada com a coroa brasileira, obra de ingênuo gosto, que lhe valera a admiração de toda a comarca e provocara a inveja da célebre Ana Raimunda, de Óbidos, a qual chegara a formar uma fortunazinha com aquela especialidade, quando a indústria norte-americana reduzira à inatividade os teares rotineiros do Amazonas. Ana Raimunda seria uma coisa nunca vista no fabrico de redes de aparato, mas não lhe receava Rosa a competência na tecedura do algodão e do tucum, talento de que tinha quase tanto orgulho como de haver parido o mais falado pescador daquela redondeza.

Pedro era em 1865 um rapagão de 19 anos, desempenado e forte. Tinha olhos pequenos, tais quais os do pai, com a diferença de que eram vivos, e de uma negrura de pasmar. A face era cor de cobre, as feições achatadas e grosseiras, de caboclo legítimo, mas com um cunho de bondade e de candura, que atraía o coração de quantos lhe punham a vista em cima. Demais, serviçal e alegre até ali. Os viajantes, tocando no porto do sítio da velha Rosa, seguindo para Alenquer ou de lá voltando, ficavam cativos da doçura e da afabilidade com que se oferecia o rapaz para os acompanhar à vila, ou dava conselhos práticos sobre a viagem e os pousos.

Quanto à generosidade, basta dizer que jamais lhe sucedia arpoar um pirarucu sem presentear com a ventrecha aos vizinhos pobres, e se num belo dia lhe caía a sorte de matar um peixe-boi no lago, havia festa em casa. Todos os conhecidos recebiam um naco da carne do saboroso mamífero, bebiam um trago da cachacinha da velha

e voltavam para o seu sítio, proclamando com a língua grossa e pesada a felicidade da tia Rosa, que tinha um filho tão amigo dos pobres. Era o mais destro pescador do igarapé de Alenquer. Nenhum conhecia melhor do que ele as manhas do pirarucu e da tartaruga, nenhum governava melhor a leve montaria, nem mandava a maior altura a grande flecha empenada, que, revolvendo em vertiginosa queda, vinha fisgar certa o caso dos ardilosos batrácios. Para o Pedro da velha Rosa, todo o mês era de piracema. Que se queixassem os outros da avareza da estação. Ele voltava sempre para casa com algum pescado, ao menos uma cambada de aruanás ou de tucunarés de caniço. Era um pescador feliz, o diacho do rapaz, e a velha Rosa devia viver muito contente!

E vivia.

A tapuia passava de ordinário os dias sentada num banquinho diante do tear, trabalhando nas suas queridas redes, que lhe pareciam superiores às dos Estados Unidos, com cuja concorrência vitoriosa lutava debalde a rotineira indústria, e fumando tabaco de Santarém num comprido cachimbo de taquari, com cabeça de barro queimado. Quando caía a tarde, depois de ter comido a sua lasca de pirarucu assado ou a gorda posta do fresco tambaqui, com pirão de farinha d'água, molho de sal, pimenta e limão, ia sentar-se à soleira da porta, de onde contemplava o magnífico espetáculo do pôr-do-sol entre os aningais da margem do rio, e ouvia o canto da cigarra, chorando saudades da efêmera existência, que a tananá oculta, em doce estribilho, consolava.

É naturalmente melancólica a gente da beira do rio. Face a face toda a vida com a natureza grandiosa e solene, mas monótona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma num apático recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto.

O caboclo não ri, sorri apenas; e a sua natureza contemplativa revela-se no olhar fixo e vago em que se lêem os devaneios íntimos, nascidos da sujeição da inteligência ao mundo objetivo, e dele assoberbada. Os seus pensamentos não se manifestam em palavras por lhes faltar, a esses pobres tapuios, a expressão comunicativa, atrofiada pelo silêncio forçado da solidão.

Haveis de ter encontrado, beirando o rio, em viagem pelos sítios, o dono da casa sentado no terreiro a olhar fixamente para as águas da correnteza, para um bem-te-vi que canta na laranjeira, para as nuvens brancas do céu, levando horas e horas esquecido de tudo, imóvel e mudo numa espécie de êxtase. Em que pensará o pobre tapuio? No

encanto misterioso da mãe d'água, cuja sedutora voz lhe parece estar ouvindo no murmúrio da corrente? No curupira que vagabundeia nas matas, fatal e esquivo, com o olhar ardente cheio de promessas e de ameaças? No diabólico saci-pererê, cujo assovio sardônico dá ao corpo o calafrio das sezões? Em que pensa? Na vida? É talvez um sonho, talvez nada. É uma contemplação pura.

Dessa melancolia contínua dão mostra principalmente as mulheres, por causa da vida que levam. Os homens sempre andam, vêem uma ou outra vez gente e coisas novas. As mulheres passam toda a vida no sítio, no mais completo isolamento. Assim, a tapuia Rosa, que de nada se podia queixar, com a vida material segura, suprema ambição do caboclo, foi sempre dada a tristezas; a fronte alta e calma, os olhos pequenos e negros e a boca séria tinham uma expressão de melancolia que impressionava à primeira vista. Teria a natureza estampado naquele rosto o pressentimento de futuras desgraças, ou a mesquinhez da alma humana ante a majestade do rio e da floresta a predispunha a não oferecer resistência aos embates da adversidade? Era a saudade do esposo morto ou o receio vago dos fracos diante dos arcanos do futuro?

Ninguém o podia dizer, mas é certo que até o princípio do ano de 1865 correram tranqüilos os dias no cacauá da velha Rosa.

Quem não sabe o efeito produzido à beira do rio pela notícia da declaração da guerra entre o Brasil e o Paraguai?

Nas classes mais favorecidas da fortuna, nas cidades principalmente, o entusiasmo foi grande e duradouro. Mas entre o povo miúdo o medo do recrutamento para voluntário da pátria foi tão intenso que muitos tapuios se meteram pelas matas e pelas cabeceiras dos rios e ali viveram como animais bravios sujeitos a toda a espécie de privações. Falava-se de Francisco Solano Lopes nos serões do interior da província como de um monstro devorador de carne humana, de um tigre incapaz de um sentimento humanitário. A ignorância dos nossos rústicos patrícios, agravada pelas fábulas ridículas editadas pela imprensa oficiosa, dando ao nosso governo o papel de libertador do Paraguai (embora contra a vontade do libertando o libertasse a tiro), não podia reconhecer no ditador o que realmente era: uma coragem de herói, uma vontade forte, uma inteligência superior ao serviço de uma ambição retrógrada. Os jovens tapuios tremiam só de ouvir-lhe o nome; as mães e as esposas faziam promessas sobre promessas a todos os santos do calendário, pedindo que lhes livrassem os queridos filhos e os maridos das malhas da rede recrutadora.

Coisa terrível que era então o recrutamento!

Esse meio violento de preencher os quadros do exército era, ao tempo da guerra, posto em prática com barbaridade e tirania, indignas de um povo que pretende foros de civilizado.

Suplícios tremendos eram infligidos aos que, fugindo a uma obrigação não compreendida, ousavam preferir a paz do trabalho e o sossego do lar à ventura de se deixarem cortar em postas na defesa das estâncias rio-grandenses e das aldeolas de Mato Grosso. Narravam diariamente os periódicos casos espantosos, reclamações enérgicas contra o arbítrio das autoridades locais, mas o governo a tudo cerrava os ouvidos, por necessitar de fornecer vítimas às disenterias do Passo da Pátria e carne brasileira aos canhões vorazes de Humaitá. Foi então que se mostrou em toda a sua hediondez a tirania dos mandões de aldeia. Os graúdos não perderam a ocasião de satisfazer ódios e caprichos, oprimindo os adversários políticos que não sabiam procurar, ao serviço de abastados e poderosos fazendeiros, proteção e amparo contra o recrutamento, à custa do sacrifício da própria liberdade e da honra das mulheres, das filhas e das irmãs. Sim. Não pretendo carregar os tons sombrios do quadro da miséria do proletário brasileiro naqueles tempos calamitosos, em que o pobre só se julgava a salvo do despotismo quando nas mãos do senhor do engenho, do fazendeiro, do comandante do batalhão da guarda nacional abdicava a sua independência, pela sujeição a trabalho forçado mal ou nada remunerado; a sua dignidade pela resignação aos castigos corporais e aos maus-tratos; e a honra da família pela obrigada complacência com a violação das mulheres. Em Alenquer, por exemplo, o capitão Fabrício, nomeado recrutador, alardeando serviços ao partido de cima, praticou as maiores atrocidades, tendo por única lei o seu capricho. De toda a parte se levantavam clamores contra o rico e perverso fazendeiro do igarapé, mas, cômico do apoio dos chefes do seu grupo político, continuava Fabrício obrando as maiores atrocidades, que constituíram a sua vida até o filho do Anselmo Marques, com um salutar tiro de espingarda, pôr-lhe termo à ominosa existência.

Descuidado e contente, Pedro labutava em paz, apesar das desgraças do tempo, ouvidas aos domingos, depois da missa, no adro da matriz. E quando lhe perguntavam se não receava o recrutamento, dizia com a candura habitual que nunca fizera mal a ninguém, e era filho único de mulher viúva. Não contava, porém, com a má vontade de Manuel de Andrade, mulato que era seu rival na pesca das tartarugas. Manuel era a alma danada do capitão Fabrício, em cuja fazenda vivia como agregado. Toda a gente o acusava de desapiedado executor das maldades do fazendeiro. Era tido como homem sem

escrúpulos, que matava por prazer. E as proezas pacíficas do filho da velha Rosa enchiam-lhe o coração de inveja.

Numa tarde de dezembro de 1865, ou de janeiro do ano seguinte (já não me recordo bem da data), Pedro, ao voltar da pesca, passando pelo porto da fazenda, notara um movimento desusado e, observando, pensara ter visto o Manuel de Andrade e dois ou três soldados, de farda e baioneta, entidades não vulgares naquelas paragens. Sem saber explicar o estranho caso, continuara a remar e, em breve, aportara ao sítio e, puxando a canoa para terra, fora dar parte da pescaria à mãe, sem lhe falar do que vira na casa do vizinho.

Na manhã do dia seguinte, entretinha-se o rapaz a fazer uma cerca de varas no terreiro, quando lhe aparecera pelo cacauá o velho Inácio Mendes, vizinho e amigo, o mesmo que morreu o ano passado afogado no Inhamundá, tentando salvar o filho, atraído pela mãe d'água. Como o assunto de todas as conversas da beira do rio era a guerra, falou-se do recrutamento.

Inácio dizia-se portador de notícias frescas. O capitão Fabrício, nomeado recrutador em todo o termo de Alenquer, recebera ordem terminante do presidente da província para mandar pelo primeiro vapor um contingente de voluntários, custasse o que custasse. Essa ordem, transmitida pelo delegado de polícia de Santarém, fora trazida a toda pressa pelo sargento Moura, acompanhado de cinco guardas nacionais que aquela autoridade pusera à disposição do recrutador, prometendo enviar-lhe logo maior força, se fosse necessário.

— O capitão — acrescentou Inácio em voz baixa — não é lá homem para hesitar em se tratando de maldades.

E continuara, narrando as desgraças da época. Já o Antônio da Silva fugira a todo o pano para Vila Bela, onde mora um negociante que é seu compadre. Na casa do Pantaleão Soares, português legítimo, o sargento Moura varejara os quartos em que dormiam as filhas do pobre homem, e levara o atrevimento ao ponto de revistá-las, dizendo que podiam ser homens disfarçados. O Raimundo Nonato e o filho da tia Rita haviam-se metido pelo mato dentro, sem que se soubesse o seu paradeiro. Um tapuio dos lagos, tendo vindo à vila comprar mantimentos, vira-se perseguido pelos guardas e fora comido por jacarés, querendo salvar-se a nado.

E terminou entre risonho e triste o velho Inácio:

— Que quer, seu Pedro? Nestes tempos, nem os pobres velhos têm a certeza de escapar. O que vale é que Deus é grande... e o mato maior.

Três dias depois da visita de Inácio Mendes, pelas sete horas da manhã, a velha Rosa tratava do almoço, e Pedro, sentado à soleira da porta, preparava-se para caçar papagaios, limpando uma bela espingarda de dois canos, quando viu adiantar-se para o seu lado o capitão Fabrício, com os modos risonhos e cortesês de um bom vizinho. Pedro ergueu-se surpreso e acanhado e pôs-se a balbuciar cumprimentos ao fazendeiro, cujo sorriso o enleava.

— Ora bom dia, seu Pedro. Então já sei que vai à caça? E está com uma bonita arma! Quer vendê-la?

E foi lha tirando das mãos, sem que o pescador, admirado de tão grande afabilidade, pensasse em contrariar-lhe o gesto.

— Eh, eh! seu Pedro, você está um rapaz robusto e devia ser voluntário da Pátria. O governo precisa de gente forte lá no sul para dar cabo do demônio do Lopes. Ora, é uma vergonha que você esteja a matar os pobrezinhos dos papagaios e a arpoar os inocentes dos pirarucus, quando melhor quebraria a proa aos paraguaios, que são brutos também e inimigos dos cristãos.

Pedro balbuciava negativas e desculpas. Era filho único... não tinha jeito para a guerra... quem tomaria conta da pobre velhinha? Mas o capitão pôs-lhe a mão no ombro dizendo em voz repassada de mel:

— Pois então tenha paciência. Se não quer ser voluntário, está recrutado. Pedro deu um pulo para trás, como se fora mordido por uma cobra. Recrutado, ele! A palavra fatídica soou-lhe aos ouvidos como anúncio de irreparável desgraça. O seu ar de candura e de bondade desapareceu por encanto, e o rapaz ficou todo transformado, como o pai, quando lutava braço a braço com alguma onça traiçoeira. Os olhos injetaram-se-lhe de sangue. Os lábios entreabriram-se para deixar sair a palavra rebelde, mas só descobriram os alvíssimos dentes, cerrados por um esforço violento. O corpo todo tremia, como se maleitas o sacudissem e um último lampejo de razão o impediu de atirar-se ao recrutador e de o afogar nas mãos robustas.

Mas o capitão prosseguia com brandura hipócrita:

— Ora deixe-se de tolices... afinal que é que tem ser soldado? É até muito bonito, e as mulheres pelam-se pela farda azul-ferrete e pelos botões amarelos. Não será uma honra para a tapuia velha ter um filho oficial? Pois é o que pode muito bem acontecer, se você tiver juízo, não beber, não furtar, não fizer nenhuma má-criação, e resolver-se a aprender a leitura e a escrita, que não é lá bicho-de-sete-cabeças. É verdade que você pode ficar prisioneiro dos paraguaios e mesmo morrer de uma bala na cabeça, mas isso... são fatalidades. Também se morre na cama e até... pescando pirarucus e caçando papagaios. Por

isso deixe-se de asneiras, carinha alegre e marche-marche para o sul. Mesmo porque você está recrutadinho da silva, e o que não tem remédio remediado está.

O rapaz soltou um grito surdo, avançou contra Fabrício, arrancou-lhe a espingarda das mãos e brandiu-a sobre a cabeça do capitão, com se fora uma bengala. Quando ia descarregar o golpe, sentiu-se agarrado. Eram o sargento Moura e dois soldados, que, saindo dum matagal próximo, se haviam aproximado sem ser vistos. Ao ruído da luta, acudiu a velha Rosa, que, soltando brados lamentosos, tentou arrancar o filho aos soldados, mas o capitão Fabrício segurou-a por um braço e atirou-a de encontro a um esteio da casa.

A tapuia, caindo, feriu a cabeça, mas, erguendo-se de súbito e levantando a espingarda que estava no chão, fez pontaria contra o sargento. A arma não estava carregada.

Foi uma cena terrível que teve lugar então. A velha Rosa, desgrenhada, com os vestidos rotos, coberta de sangue, soltava bramidos de fera parida. Pedro estorcia-se em convulsões violentas e os soldados não conseguiam arredá-lo da mãe. Fabrício, ordenando que levassem o preso, lançara ambas as mãos aos cabelos da velha e, puxando por eles, procurava conseguir que largasse as roupas do filho. Os guardas, impacientes e coléricos, desembainharam a baioneta e começaram a espancar alternativamente a mãe e o filho, animados pela voz e pelo exemplo do sargento, ainda pálido do susto que sofrera.

Muito tempo teria durado a luta, se não tivessem aparecido alguns agregados do capitão, dirigidos pelo Manuel de Andrade, em cuja larga face morena se lia a satisfação de um ódio, até ali contido a custo.

O mulato adiantou-se com ar resoluto:

— Ó gentes! Temos cerimônias?

E voltando-se para os que o seguiam:

— Amarra porco, rapaziada!

Ou pela sua profissão de vaqueiros, ou porque já se achassem prevenidos, traziam cordas consigo. Pedro e Rosa foram deitados por terra e amarrados de pés e mãos. Depois a gente do Manuel Andrade carregou o rapaz e foi depô-lo numa grande montaria que o capitão mandara buscar à fazenda.

Quando o preso, o sargento e os soldados se acharam dentro da canoa, Fabrício ordenou ao Manuel de Andrade e a outro agregado que tomassem os remos e seguissem para Alenquer. Depois, dando um

pontapé na velha tapuia estendida em meio do terreiro, seguiu com o resto da sua gente a caminho da fazenda.

Ela desmaiara. Não dera acordo de si quando levaram o filho para a canoa, nem sequer sentira a última e bestial expansão da ira do recrutador. Mas quando o sol, adiantando-se na carreira, veio ferir-lhe em cheio os olhos amortecidos, tornou a si, olhou em derredor e, recordando o que se passara, começou a agitar se e a dar gritos que ecoavam lugubrememente na floresta. Procurava pôr-se de pé, mas não o conseguia. Não podia também desprender os braços e as pernas; as cordas eram sólidas e os nós apertados. Sozinha, abandonada no sítio deserto, exposta no terreiro, ferida e quase nua, aos raios ardentíssimos do sol, a velha Rosa, a boa e generosa velhinha, teria sucumbido miseravelmente, se por volta de meio-dia não tivesse ali chegado o vizinho Inácio Mendes. O português vira do seu porto passar a canoa que levava o recruta e, desconfiando do que sucedera, viera, logo que pudera furtar algum tempo aos seus afazeres, informar-se do ocorrido.

Pobre tia Rosa! Em que miserando estado a encontrara! Seria possível que Deus permitisse tão grande injustiça! O Inácio cortou-lhe as cordas, lavou-lhe a ferida com água avinagrada e teve de empregar a força para obrigá-la a deitar-se, pois ardia em febre. Depois que a viu mais sossegada, o bom do português correu à casa em busca da mulher para fazer companhia aquela noite à doente, recomendando-lhe que não dormisse, velasse toda a noite, pois o estado da tapuia era melindroso. Apesar da advertência do marido, a enfermeira adormecera pela madrugada, e, quando acordara, a claridade de um dia esplêndido entrava pela transparência do japá. A rede da velha Rosa estava vazia. A mulher do Inácio Mendes correu ao porto e não achou a montaria de pesca de Pedro.

Estava eu a esse tempo em Santarém, preparando uma viagem a Itaituba, a serviço da minha advocacia.

Passeando uma tarde na praia do Tapajós, abeirou-se de mim uma cabocla velha em quem a custo reconheci a industriosa e boa velhinha do igarapé de Alenquer, em cuja hospitaleira casa dormira algumas vezes de passagem pelo sítio. Ela, porém, me reconhecera facilmente e, parece até que a conselho de algumas pessoas, me procurava como o único doutor da terra, que exercia a profissão de advogado. Contou-me a sua história, interrompendo-se a miúdo para limpar na manga do vestido as lágrimas que lhe corriam, e finalizou entregando-me um embrulho com dinheiro, duzentos e poucos mil-réis, tudo quanto tinha, para que lhe livrasse o filho de jurar bandeira.

Voltei imediatamente à cidade e, por intermédio de um amigo comum, obtive do delegado de polícia a licença de ver o recruta na cadeia, mas por uma só vez, e como exceção rara. O tapuio estava mergulhado num silêncio apático, de que nada o fazia sair. O fatalismo do amazonense o convencera de que não se poderia arrancar à irreparável desgraça que o abatia. Ou não me reconheceu, ou não quis falar-me.

Requeri habeas corpus em favor de Pedro, alegando a sua qualidade de filho único de mulher viúva. O juiz de direito ordenou o seu comparecimento, inquiriu o comandante do destacamento e algumas testemunhas e exigiu informações do delegado. Empreguei a maior atividade nas diligências necessárias, porque sabia que era esperado a toda a hora o vapor da Companhia do Amazonas, que devia levar o contingente de recrutas para a capital. Uma manhã, vinha eu da casa do juiz com as melhores esperanças de êxito, pois se mostrava crente do direito que assistia ao meu cliente, e compadecido da sorte da velha que lhe não deixava a soleira da porta onde dormia. Vinha pensando na minha viagem pelo Tapajós acima, logo que terminasse a obra de humanidade que queria praticar, quando me encontrei com o agente da Companhia.

— Olhe, doutor, o vapor está entrando. Os voluntários estão prontos. Corri imediatamente à cadeia e notei o movimento que produzira a ordem de embarque. Corri à praia, onde era imensa a aglomeração de povo à espera do vapor que vinha entrando à boca do largo Tapajós, em busca dos futuros defensores da Pátria.

Começou logo o embarque dos recrutas.

Eram vinte rapazes tapuios os que a autoridade obrigava a representar a comédia do voluntariado. Vi-os sair da cadeia, entre duas filas de guardas nacionais, e encaminharem-se para o porto, seguidos dos parentes, dos amigos e de simples curiosos.

Iam cabisbaixos, uns corridos de vergonha, como criminosos obrigados a percorrer as ruas da cidade nas garras da justiça; outros, resignados e imbecis como bois, caminhando para o matadouro; outros ainda procurando encobrir sob uma jovialidade triste as amarguras íntimas; todos marchando maquinalmente, alheios ao que se passava e dizia em redor de si, oferecendo um aspecto de apatia covarde e idiota. Vestiam calça e camisa de algodão riscado, a mesma roupa com que uma semana antes arpoavam pirarucus ou plantavam mandioca nas roças da beira do rio. Alguns, aqueles de quem se desconfiava, por mais valentes e ágeis, traziam algemas.

As portas e as janelas das ruas por onde passava a nova leva de recrutas estavam apinhadas de gente. As mulheres e as crianças corriam a vê-los de perto, conservando-se, porém, a uma distância respeitável dos guardas nacionais, que marchavam pesadamente, acanhados, vestidos na sua jaqueta de velho pano azul, quase vermelho, e vexados com a comprida baioneta colocada muito atrás, a bater-lhes os rins num compasso irregular, conforme com os acidentes das ruas mal calçadas. O povo comentava o caso, analisava a fisionomia dos novos soldados, daqueles heróicos defensores da Pátria, carneiros levados em récuca para o açougue.

As exclamações cruzavam-se, as pilhérias atravessavam a rua e caíam duras como pedras sobre as cabeças impassíveis dos guardas nacionais, pobres operários, honrados roceiros, arrancados à oficina ou à lavoura para guarnecerem a cidade e fazerem o serviço da polícia ausente. Outras vezes, eram lamentações e condolências da sorte daqueles pobres-diabos que nem sabiam naquele momento se voltariam a ver a terra adorada do Amazonas.

Os curumins anunciavam os recrutas à medida que se aproximavam:

— Os voluntários! Os voluntários!

— Voluntários de pau e corda!

— disse causticamente o vigário padre Pereira, fumando cigarros à porta de uma loja.

Já mais adiante, os curumins repetiam numa ironia inconsciente:

— Os voluntários, olha os voluntários!

Os recrutas caminhavam sob um sol ardente, seguidos das mães, das irmãs e das noivas, que soluçavam alto, numa prantina desordenada, chamando a atenção do povo. Os homens iam silenciosos como se acompanhassem um enterro. Ninguém se atrevia a levantar a voz contra a autoridade. Se a fuga fosse possível, nenhum daqueles homens deixaria de facilitá-la. Mas como fugir em pleno dia, no meio de tantos guardas nacionais armados e prevenidos? Nada, mais valia resignar-se e sofrer calado, que sempre se lucrava alguma coisa.

Chegaram ao porto e avistaram o vapor que fumegava, prestes a partir. As canoas que os deviam conduzir para o paquete estavam prontas. Começou o embarque em boa ordem. Nenhum dos recrutas abraçou amigos e parentes; os adeuses trocaram-se com os olhos e com as mãos, de longe.

Quando as canoas largaram da praia, as mulheres romperam num clamor; e os tapuios, acorados ao fundo da igarité que os separava da ribanceira, seguiam com a vista a terra que recuava,

fugindo deles. Tinham os olhos secos, mas amortecidos. Um deixava naquela saudosa praia a mãe doente e entrevada, arrastada até ali para soluçar a última despedida ao filho que partia para a guerra. E o voluntário, resignado à morte com que contava nos sertões do sul, tinha o coração apertado, pensando na miséria em que deixava a velhinha, obrigada dali em diante a viver de esmolos. Outro pensava na sua roça nova, aberta pelo S. João, havia seis meses apenas, com tanto amor e trabalho, e que seria dentro em breve pasto de capivaras daninhas e de macacos gulosos; ou na montaria de pesca, abandonada no porto, para presa do primeiro ladrão que passasse. Este sonhava com as longas horas de imobilidade ansiosa, nas brumas da antemanhã, de pé na canoa, esperando o primeiro respirar do pirarucu possante; aquele com a gentil namorada, tanto tempo cobiçada e quase noiva, que não teria paciência para esperar-lhe a volta incerta. E todos pálidos, desesperados, sombrios, sentiam no supremo momento da separação que tudo estava perdido, e a morte, uma morte terrível e misteriosa os esperava lá nas terras em que dominava o mostro do Paraguai, devorador de carne humana.

Apesar da tristeza do espetáculo que me compungia o coração, não pude deixar de alegrar-me por não ver entre os recrutas o filho da velha Rosa. Acompanhei a leva desde o quartel até à praia, vi-a embarcar, não me afastei enquanto o vapor não levantou ferros e procurou a barra do Tapajós, soltando um silvo rouco e prolongado. Adquiri então a certeza de que Pedro não embarcara, de que ficara em terra, e dessa convicção augurei as melhores esperanças. Se o delegado não o enviara por aquele vapor, fora certamente por não haver ainda jurado bandeira, e duvidoso se fazia o caso do seu recrutamento, em face dos fundamentos do habeas corpus requerido. Em todo o caso, mesmo considerando a polícia bem recrutado o tapuio, tinha diante de mim oito ou dez dias, o intervalo de uma chegada de paquete a outra, para trabalhar em seu favor.

Comuniquei a nova à tia Rosa que fui encontrar sentada à porta do juiz de direito, onde passara a noite. Não partilhou da minha convicção. Na sua opinião, eu estava enfeitiçado. Pedro não estava no quartel e, portanto, seguira naquele mesmo vapor para a capital.

Levei à conta de demência a incredulidade da velha e entrei na casa do juiz para informar-me do resultado do habeas corpus.

O magistrado disse-me com alguma tristeza:

— Escusado é tentar mais nada. O rapaz já embarcou. E como me visse atônito, sem ânimo de proferir palavra, compreendeu o meu espanto e acrescentou:

— Desconfiaram de mim. Ontem à noite mandaram-no numa canoa bem tripulada esperar o vapor a meia légua da boca do rio.

A indignação fez-me ultrapassar os limites da conveniência. Perguntei, irado, ao juiz como se deixara ele assim burlar pela polícia, expondo a dignidade do seu cargo ao menos prezo de um funcionário subalterno. Mas ele, sorrindo misteriosamente, bateu-me no ombro e disse em tom paternal:

— Colega, você ainda é muito moço. Manda quem pode. Não queira ser palmatória do mundo.

E acrescentou alegremente:

— Olhe, sabe uma coisa? Vamos tomar café.

Ainda há bem pouco tempo, vagava pela cidade de Santarém uma pobre tapuia doida. A maior parte do dia passava-o a percorrer a praia, com o olhar perdido no horizonte, cantando com voz trêmula e desenxabida a quadrinha popular:

Meu anel de diamantes

Caiu n'água e foi ao fundo;

Os peixinhos me disseram:

Viva Dom Pedro Segundo!

Inglês de Sousa. *O voluntário*. In: Contos amazônicos. 2. ed., Jundiaí, SP: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018.

O CARRO DOS MILAGRES – Benedicto Monteiro

Olhe compadre, nem quero lhe contar a triste sina deste meu barco a vela feito de tala de miriti. Eu trouxe ele mas foi para colocar no Carro dos Milagres.

Promessa feita e jurada ao pé da imagem de Nossa Senhora do Retiro, na noite de lua cheia, três noites depois de medonho temporal.

Tive que correr terra - o senhor pensa - para cumprir dita promessa. E trazer com minhas próprias mãos, esta veleira copiada da finada canoa que o vento e a água reduziram a fanico na contracosta da Baía do Marajó. Só este criado seu escapou são e salvo por obra e graça de Deus e Nossa Senhora de Nazaré. Já não digo, do forte vento, nem da furiosa chuva, nem da medonha água, que se coliam com a noite e o raio, para fazer aquele poder de inferno no meio do caminho que a gente tinha que passar. A água não tem cabelo. E a triste noite era tão lisa e desconforme, que a lua, as estrelas, a brisa andavam escondidas nos escuros escaninhos dos horizontes sem fim.

Eu mesmo não sei contar nada, depois que velas e mastros foram arrancados. Só sei que a canoa ficou totalmente desamparada no meio da mais negra escuridão. E só estou contandozinho esta história, porque fiquei agarrado num pau, horas e horas de bubuia, até que a maré vazante encalhou meu corpo entre raízes do mangue que fica bem na entrada do igarapé. Mas assim como a noite botou o inferno no meu caminho, o dia trouxe a Providência Divina para me socorrer. Esse mesmo temporal medonho e desconforme pampeiro de chuva, vento e raio bateu ainda por cima de maré cheia, para nossas bandas, onde a minha velha mãe rezava e pensava na nossa canoa, que nesse exato momento devia de estar fazendo a desinfeliz travessia. Ela, coitada, a pobre velha, não sabia se rezava para Nossa Senhora, se acendia a lamparina, se desamarrava a rede, ou se reparava a cumeeira da casa que o vento paresque queria porque queria arrancar. Na certa se benzia no estralo do trovão, no clareio do relâmpago e corria na praia açoitada, pra tomar do vento em remoinho, a porta de japá.

A pobre velha - o senhor pensa - apesar de sozinha na barraca invadida pela chuva, ainda teve o expediente de enfiar o quadro de Nossa Senhora entre as palhas da parede, que o forte vento não tinha conseguido despregar. Mas a rede, a branca rede, da minha velha mãe, tinha criado alma de vela e estava enfunada, por-força querendo carregar com casa-e-tudo pro o meio da procela e navegar paresque, em riba das enormes ondas rumo à perigosa travessia. Minha mãe diz

que se não encontrasse terçado, e cortasse a corda da rede, o pano branco voltaria ao seu antigo destino. Era muito capaz de transformar esteios, caibros, palhas e japás, numa jangada que, depois de afrontar os ventos, seria jogada numa distante praia sujeita somente à correnteza nas marés. Certas coisas, meu compadre, o senhor pensa- trazem guardado o seu destino. Um belo dia ou numa triste noite: rasgam o céu como um raio; aparecem de repente como uma estrela; brotam inocente como uma semente; ou explodem em vida como uma flor. Esse pano branco da rede da minha velha mãe era um pedaço da vela mestra de uma canoa naufragada que meu finado irmão guardava num baú velho como lembrança de tanta luta pelo mar. Minha mãe se lembrou disso na hora da tempestade. Tratou de cortar a corda da rede, para evitar que o pedaço de vela feito rede carregasse a barraca inteira pro meio do temporal. Coração de mãe- o senhor pensa? - nunca se engana. E na hora do maior perigo é sempre o que fala mais certo. A velha então, quando viu a rede tufada feito vela, pensou logo na alma do meu irmão. E pensando no morto, rezou pelo vivo, que era eu e que estava no maior perigo na justa hora da mais difícil e aguniosa travessia.

Aí então, foi que surgiu a promessa deste barco. A rede foi cortada, o barco foi talhado, dias e dias armado e desarmado, assinzinho como o senhor está vendo: de pano de rede e tala de miriti. Todos dizem: que a minha vida, é o milagre desta promessa. Porque os outros tripulantes da canoa bateram o pacaú. E devem de andar pelos cafundós do Judas servindo de comida para piranha nos peraus dessa imensa baía.

Agora o senhor veja: abaixo de Deus e Nossa Senhora, foi meu finado irmão e minha velha mãe com sua promessa, que salvaram este um, que está contando aqui esta história aqui em riba desta canoa ancorada na lama deste cais. Mas o senhor acha então, que só estes três tragos de cachaça que nós bebemos dá mesmo, no duro, para fazer esta maior e dificutosa travessia? Minha mãe me disse que eu tinha que botar este barco com as próprias mãos no Carro dos Milagres. Vigie só tem que ser, meu compadre- no carro andando, no meio de todo o povo e nos pés da Virgem de Nazaré.

Já tive olhando pro o carro parado no Largo da Sé, bem em frente à Catedral. Estava vazio de milagres, porque ainda era no lusco-fusco da manhã. O Carro, amodo, representava um barco. O Tinhoso, o Demo, estava figurado em forma de veado. Um cavaleiro correndo atrás do cujo, freava o animal no espaço, cai-não-cai no precipício. A Santa aparecia meia pregada no céu, entre raios de ouro luzindo no

estandarte. E queria-porque-queria salvar o cavaleiro de cair no abismo. Abismo que também figurava como água, água que era mar, que era rio, que era igarapé, tendo uma canoa em terrível perigo de se afundar.

Mas quando dei por mim, chegava gente por todos lados: com pouco a praça estava cheia. Os sinos das igrejas começavam a tocar. Mas o senhor que é caboco acostumado nestas festas sabe muito bem, que o Círio de Nossa Senhora de Nazaré não tem começo nem fim. A gente sabe que a procissão começa mesmo na Catedral e se finda na Basílica. Isso todo mundo pensa e diz: que o trajeto do Círio anda pelas ruas principais. - Mas meu compadre, vamo tomar mais um gole de cachaça? - Olhe, o certo mesmo, de saída e de chegada, ninguém pode asseverar. Os preparativos, acompanhamentos, dispositivos de pessoas gradas e gentes religiosas que constituem em ordem esta digna procissão, é coisa difícil, bem difícil de se acompanhar. Onde está o Padre, por exemplo? O Bispo? O Chefe de Polícia e o Governador, o senhor sabe? Desde que hora o povo está nas ruas esperando o Círio? Da véspera? Da antevéspera? Donte? Dontonte? Desta noite ou des da manhã, o senhor sabe? E qual seja o digno trajeto, a passagem oficial dos peregrinos que vêm de todos os cantos para essa oficial tamanha procissão? O senhor imagina que é nas avenidas que o Círio trafega até chegar no arraial? Isso, por mais que me bote a maginar não entra na minha mente, compadre velho. -- Vamos tomar mais uma, uma proncha de cachaça com este pedaço de peixe-frito. Olhe, esta farinha amarela, até que serve com tira-gosto, é obra dos cabocos do Acará. - Um gole, mais um gole, talagada bruta da maldita! - Não faça cara feia, meu compadre, que a Santa castiga! Mas o senhor acha que todo o povo que veio pro Círio está enchendo estas ruas? Esperando nas calçadas? Entupindo as igrejas? Esparramado nas praças e olhando das portas e janelas desses enormes edifícios? Olhe eu, por exemplo, com este meu barco a vela que tenho na mão para depositar no Carro dos Milagres, estou por acaso rezando? Cantando? Em comportamento justo de devoto promesseiro esperando a milagrosa Santa? Nem me arreneque por causa disso, outros andam fazendo coisa muito pior. Olhe o Jozias, o Sigismundo, o Zé da Praia, o Mané do O, que também trouxeram promessas pro Carro dos Milagres. Será que estão metidos no meio deste desconforme povo, ou já depositaram suas promessas ao pé da Virgem ainda no Largo da Sé? Nem diga, que esse mundão de gente que horas e horas passa na nossa frente, é o Círio propriamente dito. Cadê o Padre? O Bispo? O andor da Santa? Cadê o Carro dos Foguetes e a Berlinda? Sim, cadê o Carro dos Foguetes? As

fanfarras? E cadê a cavalaria da Polícia Militar? Olhe, compadre, vamo tomar mais uma birita dessa pinga boa, e deixa o Círio tomar forma. Beba este trago. Lhe juro que é cachaça da boa, deixe o povo ingrossar. Deixe tomar parecença e solenidade justa de uma digna procissão. Quando este poder de povo tiver unido-unido, carne-e-unha, ombro com ombro, cabeça com cabeça, esprimido nas paredes, que zolho não for mais zolho, cara não for mais cara, e cor não for mais cor... então é porque vem vindo o Carro dos Milagres. Não vá pensar que nessas horas, eu nem me mexa, estirado no baileu desta canoa. Papel desses, seu compadre não faz. Lhe juro que não fico que nem esse um, aí do nosso lado, que não aguentou o baque da maldita e nem o Círio aprecia do fundo da sua cachaça, feito mulambo em riba do toldo da "Flor do Arari". Não, compadre, papel desses, seu compadre não faz. Cachaça para mim é solavanco, é djutório perfeito, reforço desmedido de empreitada difícil, para cair na água no lavar da malva, para aguentar o bruto sol ardendo no espinhaço, ou para enfrentar qualquer perigo de maior trabalho sem rir e sem chorar.

Agora vigie só: o chão sumiu por um encanto! A rua ficou muito estreita de tanta gente. Nossa vista não abarca nem começo nem fim. Mundão de gente, meu compadre! Chegou a hora de entrar neste fordução. É agora e já, meu compadre, o senhor me acompanhe. Eu tenho que roer uma pupunha para chegar no Carro dos Milagres, carregando este barco-a-vela por cima de tantas cabeças. Mas ele vai, lhe garanto que ele vai: ora suspenso no aperto do povo, ora imprensado, esprimido, empurrado, pisava, varando gente, gente, gente, até chegar no ponto de botar o barco no carro andando. Evem ele! Evem ele! Evem ele dê do largo, recolhendo as promessas na procissão. Olhe, compadre, agora vamos beber a saideira, dupla talagada, reforçada, por Deus! Definitivo trago, último, final! Porque o poder do povo está aumentando. Veja bem: ninguém distingue mais uma pessoa inteira, completa total. A cor da roupa, a quem pertence? Pernas e braços, nem se fala... Evem! Evem compadre, a cavalaria! Olhe o piquete das fanfarras abrindo o cortejo do Carro dos Milagres. Agora! Agora está na hora de nós entrar no povo. E é já! Por favor não largue nem por um instante o rumo do barco a vela. Nem perca a direção do Carro dos Milagres. Preste atenção na cor da blusa. E olhe: qualquer coisa agarre. Agarre no cóis da minha calça. Vombora! Vombora e já! Mas não patete, não trasteje! E trate sério: que evem o bruto Círio da Virgem Nossa Senhora de Nazaré.

Agora é que é: no meio deste povo, com este barco na mão, nem posso falar com o meu compadre. Se virar a cabeça para trás,

posso até perder o rumo da viagem. Posso até comprar briga de festa, pisando em falso na prancha dum vivente. Por Deus, que eu não sei como vou tintiar esse barco na mão por cima de ombros e cabeças. Qualquer descuido, pisar em falso, brusco impurrão, acocho, aperto, arrocho, onde de povo se espremendo, se impurrando, se imprensando... Ei! Compadre, me responda, ao menos responda, que eu quero ao menos ouvir o rumo da sua voz. Faça como naquela noite, que tivemos que atravessar com a água no peito o Igarapé da Mata na varja-alta do teso do Catauari. Trouxa de roupa na cabeça, facão e garrafa de cachaça na cintura, igarapé lambendo a ribanceira ... O senhor se alembra quando a luz da lamparina mergulhou de vez na água daquela baixa? Foi medonho estrupício de sombras fugindo pelas quebradas da mata. Depois, a escuridão de bubuia borbulhando na lama. O rumo só era dado pela voz: oi! oi! oi! Basta responder como naquela noite no rumo da festa: oi! oi! Só mesmo os gritos descobriram o caminho e a distância que o escuro da noite acabava de esconder. Pisar na lama do fundo, meter o pé num buraco, topar de chofre numa raiz, esbarrar num peixe, estremecer de choque e susto de puraquê; isso tudo sem deixar a roupa-da-festa se molhar na água do rio. O senhor bem que se lembra dessa feita. Mas o senhor acha mais fácil, ou muito mais difícil, que carregar a mão como promessa, por cima de tantas cabeças, este barco-a-vela de tala de miriti? Não lhe disse, compadre, para se agarrar no cós da minha calça! Agora é tarde, muito tarde. Sei que tenho que enfrentar sozinho essa ruma desconforme de gente. Será que esse pessoal danado, que cerca o Carro dos Milagres, vai mesmo deixar eu botar a minha promessa no devido lugar e com todo respeito? Jogar por cima das cabeças paresque assim não serve. Pelo menos, não é conforme o prometido pela minha velha mãe. Pronto! Compadre, não lhe disse? Agora a vela do meu barco engatou num monte de balões! Minha Nossa Senhora! Lá vai a velazinha pendurada: monte de cores carregando um pedaço de vela! Eita pedaço de promessa! Eita pedaço de rede! Será que tu vai mesmo direitinho pro céu? Oh, velazinha branca armada na tala de miriti, quantas cores te carregam? Quantos céus te abarcam? Quantas nuvens te esperam? Eu sei que já correste no rio entre árvores e flores, já correste no mar voando sobre as ondas ... Já até ensaiaste carregar nossa barraca feito barco no arrocho do temporal. Qual será o teu destino agora, nas asas deste vento, no meio de tantas cores e por cima de tantas cabeças?

Oh Minha Nossa Senhora! Como é possível cumprir a sua promessa no meio deste povo. Se fosse para chegar num brejo, passar

num atoleiro, varar na mata escura, atravessar um rio a nado ou vencer um igapó, este seu criado e muito que devoto romeiro já tinha chegado a que tempo! Até com aturá de castanha na costa, cambada de peixe na vara, ruma de seringa no ombro, peso no lombo de duas postas de pirarucu, a Senhora sabe que faço sem dificuldade qualquer travessia. Não tremo nem trastejo quando pulo em cima de um tronco de bubuia E não sinto o menor sobroço quando pesco em riba de lama gulosa fazendo ponte de toro de açai. Mas agora, eu sei que nem inteira vai chegar esta promessa, já que a velazinha branca os balões coloridos carregaram... Agora resta só o casco... Nem sei se vale a pena pagar uma promessa assinzinha desfigurada. É o diacho: ter que forçar esta barreira de homens e polícias de braços dados, formada para proteger o Carro dos Milagres que recolhe no caminho tanto padecer. Me ajude agora, Nossa Senhora, que eu vou passar neste tamanho aperto. A promessa que eu trago foi feita da maior angústia, no maior carinho e desespero, assim foi prometido em canto e reza, em sobroço de alvoroço na mais angustiada devoção.

Pronto! Agora que aconteceu o pior. O barco escapuliu da minha mão. - Oh! Minha Nossa Senhora, estou quase desconfiado que o Demônio está solto neste meio. - Cadê o barco, cadê o barco, minha gente? Agora sem vela, sem tolda, sem mastro, sem leme, deve estar pisado que nem casca de banana. Não impurra, su mano, credo! Tenham modos. Nunca pensei que o Círio de Nossa Senhora fosse pior que o estouro da boiada, pior que cardume de peixe na malha da rede, pior que manada de búfalo solta no campo. Se um lote de cavalos estivesse passando por cima do meu corpo, talvez fosse menor o meu desespero.

Procurando o meu barco, perdi até o tamanho da rua. Perdi a distância das sarjetas, a grandeza da cidade e a cor e o espaço do céu. Só vejo pernas, pés e braços, sapatos e calcanhares. Um povo de cintura para baixo caminhando sem parar. Oh, minha Nossa Senhora, me diga, me diga mesmo, que este ajuntamento de gente seja uma digna procissão, Perdi primeiro o meu compadre. Depois, a vela enjambrada da rede pela minha velha mãe, os balões prenderam e carregaram. Finalmente, o barco caiu no meio do povo. E foi pisado e repisado por não sei quantos pés. Agora perdi o rumo e o destino da minha promessa. Afogado estou agora na onda deste povo. Mar de gente, gente que anda, que anda, que reza, que fala, que chora, que canta, que impurra, que grita, que pisa, que olha mas não olha, onda de povo andando, sempre andando, tropeçando, caminhando, ruas, casas, edificios, foguetes, fanfarras, pés sobre pés, chão passando...

pára-não-pára, anda-não-anda, pára, pedras, paralelepipedos ... Meu Deus! Minha Nossa Senhora! Nenhum olhar, nenhuma cor, nenhum aceno de mão de gente conhecida, nenhum sinal de norte ou sul O vento. Até o vento de onde vem? Para onde vai? De onde foi? O rumo, onde está o rumo? Onde está? Onde é que está? Onde é que estou?

Se fosse ao menos na baía, de noite, me guiava pelo setestrela. Se fosse na mata fechada, me guiava pela cor das folhas, pela pegada dos bichos, pela direção dos ventos, pelo jeito dos paus. Mas nesse mar de gente, qual é o ponto? Qual é o rumo que posso me agarrar? Pernas e pés andando, andando. Braços e mãos balançando, balançando. Calças e saias passando, passando, ondulando, movimento, movimento, cores, cores, mar de gente, gente, gente... Onde está o céu azul? Gente de umbigo para baixo, sem ombros, sem cabeças, sem mantilhas e sem chapéus. Foi por acaso no céu azul que os balões sumiram com a velazinha pendurada?

Égua! Inda mais este aperto querendo fechar minha garganta. Credo! Te esconjuro, cachaça mal-arrumada! Te aquieta ai por baixo mesmo, que agora eu preciso demais desta cabeça para saber onde é qu'estou. De pemas, nem tanto preciso: posso ir até ajoelhado pagando promessa, cumprindo penitência pelo barco a vela que inútil, inútil se perdeu. Ah? Cachaça abaeté pura, queres mesmo derrubar será este velho conhecido? Bebedor afamado, duro na queda, seguro no copo, nunca, nunca jogado no chão. – Escolheste o povo pra tanta testemunha. Por que escolheste o povo pra tanta testemunha? - O Cirio, a Santa, a manhã clara, a festa inteira da Virgem Padroeira, vão será ver a bruta queda destezinho aqui o teu comparsa? Não respeitas será a devoção do pobre para fazer tamanha desavença? Queres mesmo derrubar o céu azul na minha cabeça? Queres falsear pra mim até a linha do horizonte? Queres cavar buraco à-toa à-toa até em baixo dos meus pés? S'inda fosse de noite, no terreiro, ou na praia bem deserta, ainda desculpava esta zonzeira, esta tonteira, que aperta a minha cabeça e fecha cada vez mais minha garganta. Parece que o povo todo já está de cabeça para baixo: pernas e pés, calças e saias, sapatos e sandálias marchando contra o céu.

Mas aqui, no meio deste povo, depois que perdi o meu compadre, depois que perdi minha promessa, que enxerguei bem pertinho, agarra-não-agarra, a Milagrosa Santa; e me perdi que me perdi- não, cachaça maldita – não desgraçada bebida, não sujeita aguardente. Má comparada consciência do Tinhoso: contigo eu luto! Luto que brigo, salto, piso, grito, choro que choro, mas não entrego este corpo, nem esta alma, que deviam de estar depositando santa

promessa, no Carro dos Milagres, conforme o prometido desejo de minha velha mãe. Inda mais este maior aperto na garganta! Credo! Três vezes credo! Te esconjuro, péssimo vazio no estômago e maldito descontrolo na cabeça!

Que o mundo girasse, cachaça maldita... que o povo sumisse... que todas as cores se misturassem... meu fraco entender repente, por Deus, não era tamanha a tua malina traição! Mas fica apagasse de caído assim nesta sarjeta, no largo da festa no meio do povo, bem perto da igreja, quase na ilharga da Santa; te juro e te esconjuro, cachaça sujeita,- por Deus e Nossa Senhora, noutra feita, tua forte malícia, traiçoeiro gosto, manhoso sujigar de forças e vontades, eu vomito. Te juro que eu vomito no primeiro arroto que vier nesta garganta.

A BASÍLICA

Olhe, compadre, nem lhe conto a desfeita que a maldita da cachaça de Abaeté me fez me jogou no chão, a desgraçada. Em plena procissão da Virgem, me tonteou, me fez um reboliço danado no estômago, subiu de repente pra cabeça, que quando procurei pelo senhor, meu compadre, cadê tento e juízo para caminhar no meio daquele povo desconforme de gente. Gente que queria-porque-queria se amontoar bem perto do Carro dos Milagres.

Acho que até na confusão danada, no meio do povo andando, erre o rumo do carro e cheguei bem perto da berlinda. O senhor sabe, o monte de gente que se amontoa para segurar na corda da berlinda... Pois foi. Ai, eu nem sei se foi a cachaça que aumentou na minha cabeça, ou se foi o povo que ingrossou mesmo, querendo-porque-querendo segurar na corda que circundava o andor.

Puxa-pra-cá, puxa-pra-lá, impurra, grita, onda de povo, acocho, aperto, pisão, arrocho, ruma-de-gente, gente, gente andando, andando... Todo o mundo querendo caminhar perto da berlinda e segurar na corda. A corda que circundava o andor da Santa não dava para quem queria e era guardada por marinheiros e soldados da polícia.

Não me alembro bem se vi a Virgem no meio das flores, no ombro dos categas vestidos de casacas, maiorais do Governo e outras pessoas gradas, que caminhavam, impávidas, dentro do círculo. Mas se não fosse a tonteira, a zonzeira da cachaça, bem que eu tinha agarrado na corda, e agora, eu podia contar essa proeza, essa maior façanha, essa maior promessa, de consagrada peripécia e tamanha valentia. Mas mesmo sem agarrar na corda, compadre velho, dou agora maior valia aos que agarram. E o que contam, atesto isso eu

atesto-sustento e garanto que não é lembrança. Quando Bitica dizia, que era preciso ser macho inteirado e ter culhão-roxo para segurar na corda milagrosa, a modo que eu achava que era lembrança e pavulage. Mas nesse dia, quando errei o rumo do Carro dos Milagres e cheguei bem perto da corda da berlinda, fiquei igualzinho como naquela noite quando escapuli e cai entre o rebocador e o batelão de gado, no meio da imensa baía. O instante que mergulhei e o salto que dei pra segurar na amarra da popa, só me salvaram de ser misgalhado pela pã da hélice. Mas fiquei entre a vida e a morte, sustido apenas na sustança do tendão esticado deste braço. A escura noite, a fria água no peito, a espuma na cara, o ardume no zolho, a falta de fôlego, o barulho do gado no porao da lancha, a zoada da hélice puxando a água do meu lado, o zunir do vento, o marulhar das ondas, a descarga do motor vomitando fumaça e faísca - posso dizer agora - que nem se acompara com a violência, violência do povo, que tive que enfrentar, somente pra agarrar na corda da berlinda.

Mas já lhe contei dessa promessa, que a minha mãe fez com a Virgem de Nazaré... Agora lhe digo: que o carro, o tal carro recolhedor dos prometidos pelos padecentes, eu não alcancei dessa viajada. Mas por mais que magine, não consigo me alembrar como cheguei no arraial da festa, e me acordei tarde hora deitado na calçada ao lado da Basilica bem perto das vendedeiras de tacacá.

Ah, compadre, já tenho me acordado de grandes porres: no bailéu da canoa em alto-mar, ou encalhado na praia deserta a espera da reponta da maré... Já tenho me acordado às vezes numa ribanceira de festa em sítio ermo, no tronco de uma árvore... Até na costa de um cavalo já dei fé de mim num imenso descampado... Mas quando abri o zolho naquela noite, meu compadre, o mundo ainda estava meio girando, e eu total encandeado com aquele poder de luz na minha venta. Parecia que o mundo todo tinha se derretido em chuva de estrelas que respingava sobre nós. Faíscas de todas as cores explodindo em forma de estrelas e estrelas em forma de faíscas, cores que eu pensei que nunca que existisse.

Dei graças a Deus ser na horinha dos fogos de artificio. Todo o mundo olhava para o céu intertido no espocar dos foguetes, que paresque ninguém viu eu me levantar da sarjeta. Me levantei meio tonteado, o senhor pensa, um buraco no estômago, um gosto de fel na boca e uma estrepolia esquesita no coração.

Aquele poder de luz, vozerio do povo, as músicas, os foguetes e a baita festa não me deixaram ver logo que já era madrugada. Porque o senhor sabe: madrugada para nós, é solenidade vazia e vazio

silêncio; nem luz nem trevas... É entreabrir de pouca claridade se esvaiando em sangue. E ali, o povo fervilhava enchendo o largo, a praça, os brinquedos, gente, gente, muita gente, andando, saindo do teatro, todos olhando para ver o espetáculo dos fogos, desenhando aquelas lindezas de loucuras de todo colorido. No alto do negro céu, já meio cheio de fumaça: os tais malabarismos de fogos de artifício.

Aí, me lembrei da minha promessa e do prometido à Nossa Senhora pela minha velha mãe. Pensei que devia de chegar ao menos perto do Carro dos Milagres. Mas onde teriam largado será aquela hora o carro das promessas? Já teriam será desarrumado o barco de cima da carreta? Desmontado será a imagem pousada nas nuvens em aparecimento milagroso ao homem correndo atrás do veado cai-não-cai no medonho e infernoso precipício?

No largo não estava, que arraial era de passeios, folguedos e foguetes. Devia de estar na Basílica, entre grades e colunas, ou no porão, mergulhado no chão dos alicerces. Pela primeira vez entrei na Basílica de Nazaré. Ah, compadre, nem lhe conto, quando subi a enorme escada que enfrentei a pajureba porta ... Porta de bronze, o senhor pensa, toda de bronze, com caras de santos e anjos desenhados em relevo, reluzentes de luz como o diacho. Que eu entrei de repente, acabou a madrugada. O buraco que eu tinha no estômago se juntou com o frio no fio do espinhaço. E a dor de cabeça e o gosto amargo na boca, faziam de mim um miserável cristão, triste devoto esmagado, tonteado e até meio abobalhado no meio de tanta luz. Luz, meu compadre, velas e círios, lâmpadas, lâmpadas, lâmpadas, brilhos e rebrilhos: luz! luz de tanta luz! E quantos candelabros! Feixes de lâmpadas, cachos de lâmpadas, diz que até nas mãos dos anjos, no meio dos ouros e mármore, saindo das colunas, baixando das abóbadas e compondo todos os altares; refletindo ouro, prata, vidro, paredes inteiras de imagens, santos e anjos nenhum pedaço de chão, de forro, de adro, de coluna deixava de brilhar.

Enorme, compadre, enorme e desconforme o tamanho das colunas, a altura dos forros, o vão da abóbada a quantidade de altares. Teba de nave! Baita de nave: nave-igreja, Basílica, Catedral!

Enquanto havia luz, brilho, lampejo, claridade, tudo claro, mais claro que dia, tamanho luzimento, por-Deus, que nem enxerguei a Santa Virgem de Nazaré. Os Santos, os anjos e as imagens se embaralhavam nas cores dos mármore, das pratas, dos ouros, olhos de vidro, cabelo de fogo, cara de luz: luz, meu compadre, luz de tanta luz!

De repente começaram a apagar todas as lâmpadas: por primeiro os candelabros, os feixes maiores, as pequeninas, as gítnhas, as gítnhazinhas, até que ficou num total escuro abafado de paredes. Apenas velas acesas perto da candeia vermelha do altar do Santíssimo.

Aí então, que apareceu a luz da madrugada: indecisa meia-luz vindo de fora pedindo licença pra entrar pelas vidraças. Falsa claridade. Falsa e baça. Vidraças de todas as cores formando desenho de flores, de anjos, de santo ou somente vidraças de vitrais. Mal com- parado, me sentia como no meio da floresta depois que abranda chuva e cessa o ribombo do trovão. O senhor, compadre, já deve ter se encontrado dentro do mato, embaixo da chuva e no meio de forte temporal... Quando para o relâmpago, que passa o vento, é que a gente sente o pé em riba da terra. Aí, toma o tino e o rumo da jornada, puxão fôlego comprido e afrouxa o bater do coração. Assim, eu estava no meio da imensa nave. Eu disse e comparei malacomparado a Catedrat nave- igreja feito-mata, mata bruta, negra floresta, floresta negra, depois que os galhos, os ramos e as folhas se aquietam no escuro, sombra, musgo. Sombra, vento frio entrecortado, a escuridão... Não, não podia ouvir as músicas do vento nos galhos e nas folhas que sempre toca na floresta. Entre paredes, no escuro, paresque o vento se agasalha e produz o maior silêncio: o que se ouve, são ecos abafados e retornos profundos de antigos sons.

O silêncio da nave, a meia-luz da madrugada, a tamanha santidade dos altares, a modo que não calhava bem com essa estúrdia comparação. Mas também fiquei certo de uma coisa: cristão, de madrugada, assim numa igreja, grande, escura e deserta, é mesmo que vivente perdido em mata erma sem saída pra descampado. A gente sente que as grandes colunas e paredes, trepam como as árvores num liso de clarume que escurece pro lado do infinito. Aí, ninguém sabe a altura do templo nem o tamanho da floresta. Sabe sim, que o homem é pequeno demais nessas paragens... Mas quem procura o melhor caminho, toma tento do tronco das árvores, arrisca adivinhar céu através de grossos ramos e densas folhagens. Assim, comecei a me mexer no meio dos bancos, cadeiras, altares, e logo percebi assim meio pela ilharga das colunas um clarão de velas acesas, espalhadas no puro chão dum compartimento que ficava assim meio de banda já pro outro lado. Era um pátio da igreja paresque servindo de garage pro Carro dos Milagres. O carro, o dito carro que eu tanto desejava alcançar pra depositar minha promessa, estava no meio dessa grande sala: abarrotado de milagres, meio enalhado, meio ancorado, meio adernado, na sombra desse abrigo. Frente a frente me encontrei com

ele, que de perto eu vi que era um barco, oscilando na sombra, meio balançando na luz das velas, fazendo maresia nas paredes. Falei mais dentro de mim com medo que as minhas palavras ressoassem: - Agora no seco então, brigue velejante no mar de gente! Encalhado nessa maré vazante de triste lagedo dessa imensa sacristia! Cadê o mar de povo? Águas e águas de gente corrente? Ondas e ondas de ombros e tumultos de ventos fazendo correntezas de cabeças? Cadê o velame dos coloridos e vovejantes balões? Das desfraldadas bandeiras? Dos rubros pálios e estandartes? Cadê as fanfarras abrindo no meio do povo e no ventre da cidade o caminho triunfal? Han, han, sim senhor, te vejo agora, barco veloz das águas do Círio, agora-que-te-pego, encalhado e adernado neste seco... Que má pergunte: - Fugindo será das tempestades? Ou esperando na curva deste mangue parado a reponta da maré? Que cargas trazes no porão? Foi longa, será, a viagem do asfalto? ou estafante a trepidação dos ombros, braços e paralelepipedos? Nem me diga que é só balata. Muita seringa? Maçaranduba? Castanha? Semente? Coco de fruta? Fruta do mato? Ou só trazes mesmo muito padecer? Promessas feitas promessas pagas: na cera, na madeira, no vidro, no barro, na fita... isso eu vejo por demais. Meu Deus, parece até que as gentes desses sítios deixaram o retrato da miséria neste barco em seco! Ah, barco viajero, quem te via, correndo mundo por cima de ombros e cabeças! Quem podia maginar que tua glória se esconde do mundo, neste escuro escuro-sombreado desta imensa sacristia! E agora, triste atolado no desenho deste mármore...

Os padecimentos, sim, os padecimentos. Todos os padecimentos em forma de milagres trazendo a marca de tanto padecer. Vigie só, essa perna quebrada de cera branca: morta morta no meio de tanta fita... Queda de cavalo, será? Mordida de cobra ou dentada de jacaré? Erisipela será? Ou filária? Tiro de armadilha ou tocaia do patrão? Maços de velas de cera, peças de fita de seda, caixas de foguetes, retratos, imagens, quadros, cartas, embrulhos, roupas, flores, frutas, dinheiro, promessas. Uma carga inteira de dores, gemidos e esperanças. Males sofridos, chagas curadas, amores perdidos e achados, distâncias e distâncias. Promessas e promessas. Promessas cumpridas no talho de pau, na forma de cera, no traste de barro, no metro de fita, na beleza das flores, no estrépito contido nos foguetes, no murmurar da reza, no grito de angústia e no gesto de dor.

Ah, compadre, nem lhe conto o montão de coisas que passou pela minha mente e pela minha vista. E o espanto que tive, quando vi no meio de tanto traste um pano igualzinho à vela de canoa feita de

tala que no Círio escapuliu. Susto e medo, remorso e espanto! Mas a vela, tinha ou não tinha sumido no céu carregada nos balões? Era igual, isso eu lhe digo, mas não era a mesma, isso eu também garanto. Talvez a cor falasse... Mas ali não havia cor, havia sombra, sombras das grandes rodas ferradas da carreta: círculos e raios, oscilando no forro e dançando nas paredes. Havia promessas. Promessas e promessas, naufrágios, tempestades, doenças e distâncias. Um cacho de banana, outro de pupunha, um cavalo-arreiado-de-balata, uma bola enorme de seringa, uma pequena rede feita de juta, uma penca de banana chorona, um rosário de coco de açaí. O pano que parecia a vela perdida na confusão do povo, agora estava bem visível, depois que os olhos se acostumaram com a mortífera luz. Era uma camisinha de criança, misturada com tantas mil promessas no tombadilho daquele estranho barco: barco trepado na carreta e atolado na sombra daquela mal alumiada sacristia. E aí, compadre, enquanto estava entretido com aquele monte de promessas, no meio das sombras dançando na parede, abriu-se uma porta que eu jurava que não tinha e entraram três mulheres de véu na cabeça e livros de missa nas mãos. Não eram freiras, eram devotas ou beatas. Foram logo falando, bradando, com a cara ora no escuro, dizendo para mim: - "Não queime o carro, seu hereje". - Não estou queimando, acho que respondi atrapalhado. - "E o que está fazendo com a vela na mão, perto desse monte de fita? Não vê que as flores pegam fogo? Olhe os foguetes, seu maluco. Uma faísca neste carro põe fogo em toda a Basílica".

- Tire a mão de perto do dinheiro, seu ladrão, disse a outra. - Vai chamar o padre, disse a terceira, o padre e a polícia. - Acende a luz, a luz não, abre a janela.

- Sim, abre a janela.

- Chama o padre e a polícia.

- É verdade, chame o padre e a polícia.

Acho que todas falavam ao mesmo tempo e diziam outras coisas que eu não entendia bem nem com os olhos nem com os ouvidos.

- Ai, que eu vi que as paredes onde dançavam as sombras estavam cheias de janelas. A madrugada que estava presa na sala já era luz mortífera, espécie de sombra e zonzeira da cachaça adormecida na cabeça. Então, com a luz do dia, o carro ficou petrificado sem o menor sortilégio dos intensos sacrifícios.

A voz das mulheres era terrível:

- Fique perto dele, é um carbonário.

- Um bêbado e ladrão é o que ele é, chama a polícia.

Ainda ouvi o carrilhão tocando, os sinos batendo um por um e paresque o rumor da nave se enchendo. Aí eu pensei: que vai que vem gente. Mas de repente, chegou o padre. Atrás do padre e das mulheres com véus na cabeça e livros na mão, veio a polícia.

Lhe juro que fiquei completamente areado com o bater dos sinos e com o barulho da igreja. Paresque me chamava, chamavam o povo lá dos sítios e tocavam o chamamento de bronze pra primeira missa.

Foi tão depressa, seu compadre, que clareou o dia, que os sinos tocaram, que a sala se encheu de gente e que chegaram as mulheres e a polícia, que não tive tempo, lhe juro que não tive mesmo tempo, nem fala, nem tento, nem juízo... Enquanto isso, me agarravam pelos braços, me empurravam pelas costas e o padre dizia para os soldados: - "Não levem ele pela frente, tem muita gente chegando para a Santa Missa". - "Não seu vigário, respondeu um guarda, ele sai é mesmo pelos fundos, o carro da radiopatrulha já está esperando. Temos severas instruções do chefe pra agir com esses malandros que sempre se aproveitam das igrejas".

Entrei no dito carro, empurrado, e fui jogado paresque por cima de um monte de viventes. Quando fecharam a porta, ou a tampa, senti como se tivessem me jogado no fundo e escuro porão de um barco de piratas, ou então entre patas de bois soltos no estrado de uma veleira açotada pelo vento. O carro pulava e corria. Aí, que eu senti também os duros choques dos paralelepipedos. Ai, que eu senti a vida tremer nos alicerces.

A CADEIA

Pois foi na cadeia que encontrei consolação pra minha muita má-sorte. Havera de ter ali, pariceiro pobre mais infeliz do que eu no passar da festa. E tinha. Estava ali o meu compadre pra maior prova. Mas primeiro me jogaram num duro pátio. Era sujo e fedorento onde paresque ajuntaram e amontoaram a maior parte de todos os larápios. Lhe juro que nunca fiquei tão malacompanhado de gente, assim em misturado e terrível deboches. Acho que era também por causa da festa. Não tinha lugar nem pra gente se assentar no chão que fosse. Diz' que tinha ladrão até da Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais. É o que eu digo. Pelo menos era o que chamavam: Baiano, Carioca, Goiano, Mineiro, Paulista, Gaúcho e outros, outros mais. Até estrangeiro tinha paresque: Alemão, Polaco, Judeu, Gringo, Cigano e Russo. Esses tinham vindo era se aproveitar da matutice da gente, eu acho, mas a Polícia já sabia que eles queriam era mesmo roubar. Fora, os que tinham escapulido e ainda tinham conseguido acompanhar o

Círio; ou andavam pelo largo executando as suas traficâncias de ruins serviços. Eu juro que não arrisquei nem de me encarar com esses viciosos, com medo do falsear dos olhos deles que era pegajoso por demais. Eu defendi a minha mente dessa sujidade esconsa. Mas o que me salvou de ficar mais tempo no meio dessa corja, foi uma tal de triagem que os polícias fizeram já na porta. Apartaram a gente como se faz com os bois na porteira do curral. Queriam separar os que iam ficar guardados no "cofre" até a festa completamente passar. Quando um homem-de-gravata-e-chapéu chegou perto de mim e me olhou firme com rompância de chefe, eu vi logo que tinha chegado a minha hora. Mas no mesmo instante ele virou pros outros guardas e polícias e deu foi um enorme berro apontando na minha direção com o dedo em riste: - "este aqui, o que está fazendo no meio desta gente? Eu acho que não conheço esta cara. Ele é fichado? Cadê a ficha?" – Porque paresque eu não era fichado, e nem tinha ficha, me mandaram subir pro gabinete do chefe. Pra mim mesmo foi até um alívio. Foi ai então, que encontrei o meu compadre. Compadre que não bebe e tem raiva até de quem ao menos cheira ofensa de bebida. Vigiem só: se calhar o compadre também andou quebrando a jura e enfiando o corno na maldita? Eu maldei de mau juízo. Cachaça ele não bebia, esse compadre, como então haveria de estar envolvido agora com a polícia? Ah, bem, se calhar, até que podia estar ali por padecimento de puro furto como pessoa enganada por matutice. Mas a cara dele então era mais de vítima. Eu sempre ouvia dizer que porre mesmo não cai de cavalo, não alaga canoa, não é mordido de cobra, não é ferrado de arraia, e nem erra a porta de cemitério ou meretrício. Mas esse meu compadre que não bebe, paresque tinha errado era mesmo a porta da cadeia. Eu é que podia contar o quanto custa errar até mesmo a porta duma igreja, quanto mais... quanto mais... Mas não, esse meu compadre que não bebe, conforme eu já lhe disse, estava ali também, porque não tinha, o pobre, conseguido cumprir uma simples promessa com a Santa Virgem. Logo que me aproximei dele, ele me disse: - "Nem pudemos acompanhar o Círio, o senhor pensa, se ao menos fosse uma promessa, eu até podia conceber como castigo". Mas não era, pela cara eu vi logo que não era não senhor. Não era nem promessa, nem milagre recebido, nem doença curada, nem grande mal evitado. Era vontade de pura alegria, regozijo de festeiro, satisfação de vivente pelo simples fato de viver. Primeiro, pensaram em jogar um monte de foguetes, acender velas, agarrar na corda da berlinda, botar bilha cheia d'água na cabeça, vestir traje de mortalha ou acompanhar descalço todo o trajeto. Pensaram em outras formas de louvar e agradecer

apenasmente a vida e a pura alegria da festa - Acompanhar o Círio já era uma promessa. - O dinheiro até que dava pra comprar umas dúzias de foguetes, maços de velas, peças de fitas ... Mas esse compadre que não bebe, que não fuma, que não joga, tinha que ter uma mania qualquer de vício. Pois foi a mania de soltar os balões coloridos. Ninguém, ninguém me contou, eu mesmo ouvi o comissário dizer pra esse meu compadre naquele justo instante: - "Tai, essa mania de soltar balões de gás em que deu, encrenca na polícia... Vamos, conte a sua história desde o começo... Então o senhor saiu cedo para acompanhar o Círio... e daí mandou o seu filho comprar os balões na bomba de gás que fica atrás da igreja... Era para vender ou para pagar promessa? Conte sem susto a história do rapaz... ele aí entrou no meio do povo... É isso?" - Meu compadre, coitado, nem chegou paresque acompanhar o Círio. Ele que tanto queria soltar um monte de balões do meio do povo. Que mal fazia soltar um monte de balões pra se espalhar no puro vento? Todo-o-mundo devia de olhar o céu, o povo todo espiando e os balões soltos subindo subindo... Meu compadre nem chegou a dizer pro filho que queria soltar os balões no meio do Círio. Era uma promessa? Mas inda recomendou com insistência: - só serve se for balão-de-gás, daqueles que sobem pra cima bem alto. Foi o que ele disse. O menino, esse eu conheci de outra viajada, mas muito em antes dele entrar no Instituto.

Já era um moleque taludo, bom mesmo na popa da canoa, no leme, na verga, na rede de pescaria, na vela, de viajar de noite-e-de-dia. Por água-e-por-terra ele sabia de um tudo: era um mestre. Muito em antes no retiro, meu compadre me falava: -"Eu só quero que você veja, compadre, esse menino do retiro agora como estudante dos artífices: um pilantra! Olhe, é tanto como eu, ele não bebe, nem beberica. Graças a Deus! Agora. Não sei se fuma, e tem outros vícios... Mas garanto que ele não bebe, isso eu garanto! - Meu compadre sempre falava e eu me lembrava dessas coisas enquanto o comissário continuava o interrogatório sempre interrompido. Até que chegou um funcionário e entregou um papel que ele leu e depois disse: - "Muito bem, e agora o que vamos fazer com o atestado de óbito? Aqui tudo o que consta é que o morto é seu filho... Temos que esclarecer a questão dessa morte... Mas continue, continue... Enfim temos que tomar o seu depoimento... você estava dizendo. "Aí, o meu compadre, tinha que buscar tudo dêz do princípio. Começar tudo de novo. O homem da bomba de gás paresque não tinha troco. Eu já que faço um cálculo. E meu compadre ainda viu o filho assinzinho especulando a modo pelo meio do povo. Nisso, o largo ia se enchendo. O Círio começava tomar

corpo. Paresque daí o rapaz desapareceu no alvo-roço. Já um povo enorme tinha seguido na frente. Já tinha saído o carro das cornetas, o piquete da cavalaria da polícia, a banda dos bombeiros, o Carro dos Milagres, o carro dos anjos e o carro dos foguetes. Só faltava mesmo paresque sair o andor da Santa carregando a berlinda. E nada do rapaz chegar com os balões e com o dinheiro. Meu compadre e minha comadre que era devota da Virgem, quando deram, já estavam completamente cercados e até ilhados pela enchente de povo. Foi quando ouviram o medonho estrondo, um senhor estrondo e rápido estremecimento. Tudo tremeu. Estremeceu. Fosse apenas o começo do Círio, haveria de ter outras bombas indicando o trajeto. Mas o que houve, foi um pior e mais medonho e demorado silêncio. Depois um grande murmúrio se espalhando pelo vento. Grito e gritos. Alaridos por todos os lados repetidos. A comadre acho que se agarrou com o compadre com o susto do maior medo. Houve também um pavoroso corre-corre e logo vieram a saber que tinha estourado uma bomba. Estourado não, explodido. Uma bomba daquelas que enchem de gás os balões coloridos. Os pobres compadres sentiram logo um aperto e um pressentimento de desgosto terrível. O rapaz que tinha ido comprar os balões ainda não tinha voltado nem com o dinheiro. Ai, os compadres sentiram medo de perguntar pelo menino. Eles chamavam de menino mas ele já era um moço Não era nem uma criança. Mesmo criança ladina sabe muito bem na casca de pau onde se esfrega. Ora se sabe... Os compadres já nem sentiam vontade que o filho chegasse para acompanhar o Círio. Queriam apenas que ele viesse porque o pressentimento era terrível. Mesmo com o medonho estrondo, o corre-corre do povo, a chegada dos bombeiros, o carro da polícia, o Círio não parou. Nem podia parar com tamanho povo caminhando. O povo que já andava enchendo as ruas e se esparramando no rumo da Basílica, tinha que ir em frente. O povo paresque dava pra tudo: quem rezava, rezava; quem cantava, cantava; quem andava; andava, quem corria, corria. E, ainda sobrava gente pra se amontoar nas cercanias do lugar onde tinha havido o estúpido. Só o rapaz não chegava pra se dar conta dos balões e do dinheiro. Ninguém podia chegar muito perto por causa da polícia. Mas o povo também não se arredava e cada vez mais se amontoava. Havia gente por toda a parte querendo romper o cerco. Meu compadre não soube informar se foi força divina, curiosidade louca, ou mau pressentimento de agonia de consciência. O certo é que havia uma força que empurrava os dois para o meio do povo. Isso ele não sabia explicar bem naquele ambiente de polícia. Ele mesmo não soube explicar pro comissário como foi que eles chegaram assim tão

perto. Na certa foram chegando, foram chegando, a comadre agarrada na ilharga até que puderam divisar os estragos do desastre e tanto que tinha sido. Falavam que tinha morrido oito, e que muita gente tinha ficado em pedaços. Muitos e muitos feridos... Aí, então, que a comadre deu com os acidentados, os mutilados. Só foi então um medonho grito, um senhor grito, grito de mãe como se sabe. Largou o braço do compadre e correu pelo meio do povo sem respeitar as ordens da polícia. Acho que ficou meio alucinada. Pois minha comadre tinha fama de ser bastante calma. Mas nessa hora ela ia correndo, gritando, impurrando o que via pela frente. É que paresque ela tinha visto o filho morto. Mãe, já sabe, conhece o filho pela sombra, pelo rastro e até pelo cheiro. O rapaz estava com a roupa do colégio e o corpo estava todo chamuscado. Faltava um pedaço do braço e o rosto estava irreconhecível. A comadre porém não teve dúvida de que era o seu menino. Já o meu compadre quando viu estirado no chão o corpo do filho, olhou logo pro céu pra ver se enchergava ainda o monte de balões coloridos. Havia um bocado deles se indo no puro vento, mas já se espalhavam por muito alto. Haveria de alguns daqueles balões terem escapulado da mão do filho morto, à-toa se soltado no infinito. Ali mesmo, pros meus compadres, acabou-se a festa, acabou-se o Círio, acabou-se tudo. Tiveram logo que travar uma desconforme luta para salvar o corpo do filho morto das mãos da polícia. Nem imaginaram que estavam naqueles dias na casa dos outros. Era preciso salvar o corpo do pobre rapaz de ir pro necrotério como defunto sem dono, a cargo da indigência. Protestaram então os dois compadres pra enterrar o moço ao menos como gente, já que não fosse possível como cristão protegido de santo como pede o rito. Quando chegou a ambulância, a luta foi mais terrível: carrega-não-carrega, leva-não-leva, deixa-não-deixa, prende-não-prende, até que perguntaram as provas que davam de serem os pais do filho morto. Foi paresque o maior insulto. A comadre se abraçou com o cadáver e não houve mais força capaz que fizesse ela largar o filhinho já defunto. Isso, eu acho que convenceu totalmente a polícia que teve de tratar dos outros mortos e feridos e do dono da bomba que paresque tinha fugido. Mas tudo continuava no maior alvoroço quando chegou a outra ambulância: o corpo do moço foi agasalhado, com a mãe atracada, e o compadre dando endereço onde ficava a casa em que eles estavam apenasmente passando a festa.

Apesar de todo-o-mundo estar acompanhando o Círio ainda tinha muita vizinhança no subúrbio. Foi o que valeu o compadre, porque ajudaram carregar o corpo do menino que naquela hora parecia

muito grande, por cima da lama onde tinham que atravessar andando por cima de uma ponte muito comprida. A casa de madeira ficava distante naquele alagado, tanto que o cadáver teve que ser carregado aos tombos por cima dos estrados. Depois tiveram que juntar duas mesas pra poder agüentar o corpo que paresque na viagem tinha esticado por demais.

O que salvou meus compadres foi que não foi preciso explicar nada pra pessoas tão simples diante da morte. Os donos da casa foram chegando do Círio e encontrando o defunto em cima da mesa e chorando e abraçando os compadres na maior compreensão de parentes e amigos. Tiveram também logo a maior intimidade com o defunto. Que vai que havia cachaça para o almoço da festa e a comida era maniçoba, pato-no-tucupi, casquinho de muçã, molho de feijão com caranguejo. Compraram logo velas, arrumaram um crucifixo, enquanto o rádio baixinho na cozinha continuava a dar notícias do terminar do Círio e das vítimas do acidente. Os olhos da minha comadre não enxergavam um só instante de tanto chorar agarrada no corpo do filho morto. Meu compadre me disse que ficou por muito tempo apalermado, triste e mudo...

Mas foi já pelas três horas da tarde, que todos se deitaram na casa pra dormir a sesta, e os vizinhos se retiraram, que ficou o maior silêncio. Ninguém passava nem pelas compridas pontes. Nessa hora paresque o maior ruído naquele alagado vinha do soluço. A comadre soluçava e o compadre pensava que tinha que enterrar no dia seguinte o filho morto. E tanto que ele queria soltar no céu um monte de balões coloridos! Do meio do povo, do meio do Círio, todo-o-mundo olhando pra cima pra ver os balões subindo no céu se perder de vista. Tanto que ele também se gloriava do filho não-beber-bebida. Não ter esse péssimo vício. Agora tinha um filho de capricho mas um filho morto. Morto e bem morto. Num total silêncio. Silêncio de ponte comprida por cima da lama. Silêncio de capinzal sem um tico de vento. Silêncio de casa pequena e os donos dormindo a sesta. Silêncio de morto esticado em cima de duas mesas. Silêncio silêncio.

Mas foi aí que se ouviram os gritos e o barulho de foguetes. O compadre paresque acordou daquela meia madorna, olhou pra o finzinho da ponte e perguntou pra si mesmo: quem será paresque aquele bêbado? Era um rapaz cambaleando, isso se via, bêbado e quase menino caminhando por cima da ponte cai-não-cai na lama. Ai nesse pedaço, o compadre não agüentou e começou a chorar mesmo alto na frente do Comissário e interrompeu novamente o depoimento. O comissário falou de novo: - "Não chore, mestre, o senhor tem que

contar tudo por causa do inquérito. Sabe, houve muitas mortes e muitos feridos..." - Mas por causa desse interrompimento, eu nem vim a saber como a comadre acabou de chorar, nem como ela recebeu o filho vivo que chegava alegre e bêbado são e salvo por obra e graça da Santa Virgem. Só sei dizer que o compadre não achou de bom propósito os vizinhos correrem do filho que chegava vivo e porre. Como podiam àquela hora confundir o filho vivinho da silva, com alma d'outro mundo. Tomara ver o morto, o verdadeiro morto: nunca um morto ficou tão só e desvalido como nessa hora de alvoreço. Triste coisa deve ser defunto sem dono, estirado em cima da mesa dos outros. Era a situação daquele desvalido e abandonado. Eu só posso maginar, fazer um cálculo... Mas, por mais que me force, não posso maginar a cara do compadre que tinha a maior quizilha com a cachaça. E ter de ver o filho vivo só porque estava bêbado! O resto eu entendia mais ou menos tudo. Principalmente essa outra alegria da comadre que em vez de chorar, cantava e ria com o filho porre em tropeços por cima da ponte. Também aí, acabou toda a intimidade com o defunto. Os donos da casa requereram logo que entregassem o cadáver sem dono à polícia. E era também a razão daquela discordância entre o compadre e o comissário que eu acabava de ficar sendo testemunha.

Mas o comissário, era um bocado burro e paresque não sabia o que fazer com o atestado de óbito. Nem com o pobre cadáver devolvido. Ele dizia: -"Houve acidente, houve morte, pode até ter havido crime Aqui no papel está escrito que o morto é seu filho". - Mas o meu compadre, meio rindo e meio chorando, protestava: - Mas eu já lhe disse, seu comissário, umas quantas vezes, que meu filho não está mesmo morto, ele só estava bêbado e paresque até perdido. Foi a pobre mãe dele, por demais aflita, que se enganou com o outro, pensando que era o nosso verdadeiro filho. Já lhe expliquei que isso tudo aconteceu porque eu tive de mandar ele comprar os balões de gás pra soltar no meio do Círio. Graças a Deus ele teve a lembrança de tomar uns tragos de cachaça, na certa por ruim influência de amigos. Mas ele só ficou mesmo porre porque paresque não tinha costume. Eu lhe garanto, isso eu lhe garanto. Eu sei que foi um engano horrível, seu comissário, mas lhe garanto e juro que eu não posso ficar com esse defunto. Já que ele não é meu filho, de direito ele pertence à polícia.

Quando meu compadre acabou e saiu, tive que dar também o meu depoimento sobre o caso, o outro caso que era o da minha prisão na sacristia da Basílica. Meu coração me dizia que eu podia falar pras autoridades de tudo o que tinha acontecido. Tanto do Círio, como do arraial da festa, como da minha triste canoazinha perdida por cima

de tantas cabeças. Podia falar até nos anjos e santos de ouro e prata da Basílica. Mas o que eu não podia falar mesmo, era que as velas do meu barquinho de promessa tiveram de ser carregadas também por um monte de balões coloridos.

Benedicto Monteiro. O carro dos Milagres – Contos da Amazônia. 10ª ed - Belém – Pará: CEJUP – GERNASA – 1990.

Esta coletânea reúne textos literários de diferentes autores, estilos, épocas e contextos culturais, oferecendo ao leitor em formação a oportunidade de transitar por múltiplos mundos possíveis.

Os textos selecionados favorecem o desenvolvimento das habilidades de leitura, da sensibilidade estética e da reflexão crítica, ao mesmo tempo em que ampliam o repertório literário dos estudantes da Educação Básica.

Ao percorrer essas histórias, o leitor é convidado a experimentar a literatura como espaço de encontro, questionamento e construção de sentidos.

